

## A busca pelo ideal

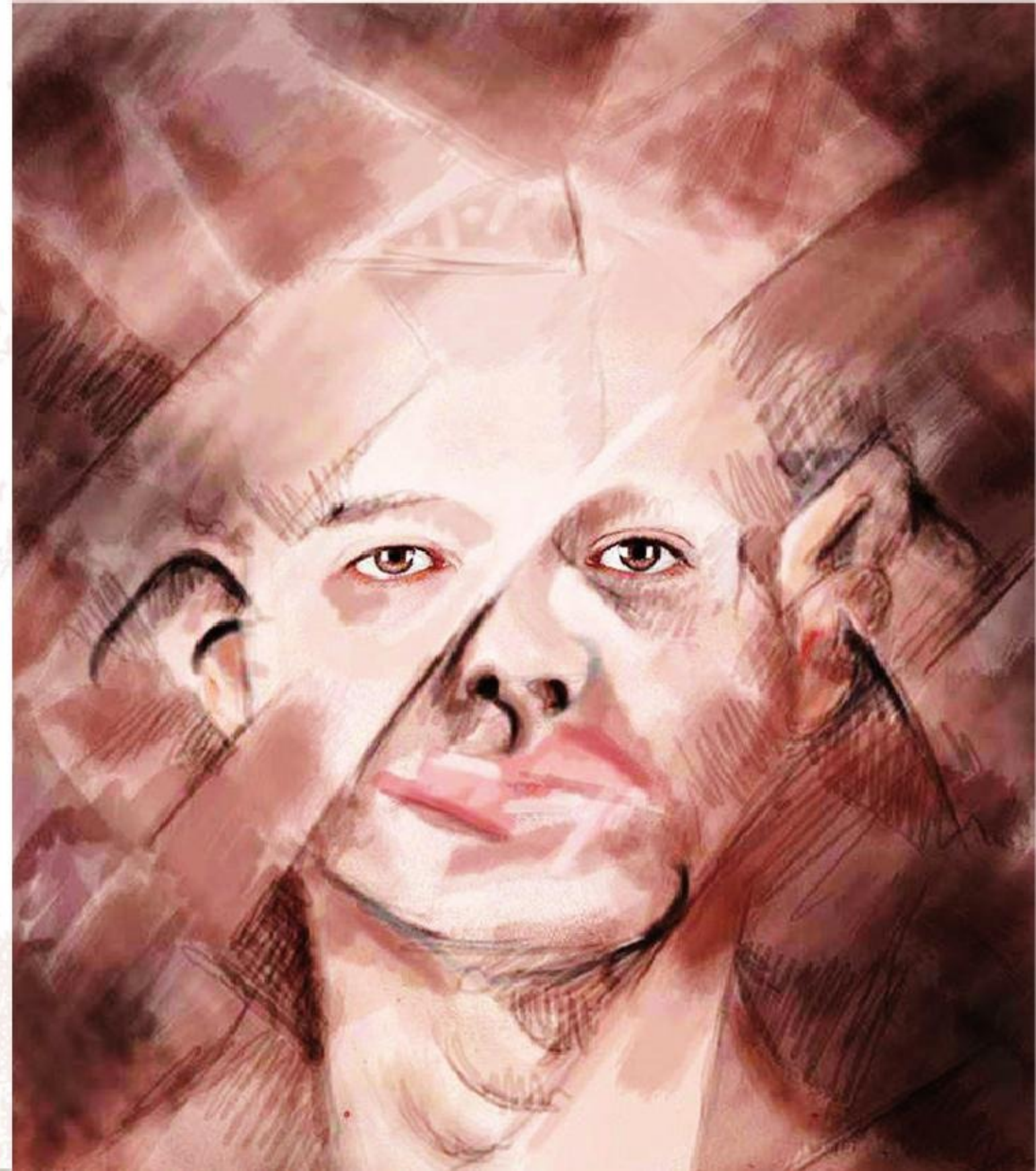
Tal qual a metáfora de Bilac sobre o poeta e o talhador, a Blecaute faz-se diamante torneado por aqueles que contribuem, editam e interpretam suas múltiplas formas e propostas de edição. Tivemos, sim, alterações ao longo dos anos: algumas que vieram para ficar, outras que foram meros experimentos. E, de repente, estamos aqui experimentando um novo visual neste número 17. Pensamos: qual a receptividade de uma edição adaptada ao futuro dos tablets e kindles? Você verá.

De outro lado, a presente edição sai atrasada, muito em devido a problemas pessoais e profissionais de alguns de seus editores nas diversas atividades que ocupam, entre professores, pesquisadores, escritores e artistas. A Blecaute, vale lembrar, não possui incentivos ou ganhos financeiros, sendo uma iniciativa em conjunto para difusão da literatura, formação de um clube de leitores e realização de eventos que priorizem a literatura acima de tudo, como o foi o Encontro das Traças, realizado em Campina Grande [botar o link de uma reportagem]. Pedimos desculpas a nossos muitos leitores, colaboradores e colunistas. Temos um longo caminho pela frente e, a partir da próxima edição, esperamos voltar a publicar a revista regularmente. *(continua...)*

# !Blecaute

Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº17 - Nov/Dez/Jan - 2014  
ISSN: 2238-930X





**Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 6 – Nº17  
Novembro/Dezembro/Janeiro - 2014

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2014, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: sem título, 2014  
Autor: Emídio de Medeiros  
Técnica: pintura digital

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio  
Janailson Macêdo Luiz  
janailsonmacedo@hotmail.com / @jan\_macedo  
João Matias de Oliveira Neto  
j.matias@msn.com / @j\_matias  
Flaw Mendes (Editor Visual)  
flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: revista de Literatura e Artes, ano. 6, n. 17

(Nov/ Dez e Jan - 2014) – Campina Grande, 2014.

p.: 58, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,  
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura – Contos. 4. Literatura –  
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

## Índice

<b>Editorial</b> .....	05
<b>Conto: O Peixe</b> – Mariel Reis (RJ) .....	06
<b>Poemas: Suave é ser pedra e outros poemas</b> – .....	08
Carlos Moreira (RO- PB)	
<b>Santo Ofício: Eduardo Maffei</b> – .....	12
Franklin Jorge (RN)	
<b>Poemas: Não sei costurar o invisível e ou-</b> .....	15
<b>tros poemas</b> – Bárbara Lia (PR)	
<b>Rabisco do Ouvido: Garota de Ipanema</b> - .....	18
Raoni Xavier (PB)	
<b>Conto: Túnicas Vermelhas</b> - Astier Basílio (PB-PE) .....	19
<b>Ensaio: Torneio em dez voltas</b> – .....	22
Thiago Lia Fook (PB)	
<b>Poemas: Fim de Linha e outros poemas</b> – .....	27
Bartolomeu Pereira (PB)	
<b>Poesia Imaginada: Pena</b> - Flaw Mendes (PB) .....	30
<b>Ofício Literário: Poemas de uma bula de remé-</b> .....	31
<b>dio: mãos à obra</b> - Reynaldo Bessa (SP-RN)	
<b>Poemas: Todo preâmbulo inaugura o medo e ou-</b> .....	34
<b>tros poemas</b> - Salomão Sousa (DF-GO)	
<b>Artigo: O desejo e a memória como motores poéticos na</b> .....	37
<i>peça Agreste/Malva Rosa do pernambucano Newton</i>	
Moreno – Patrícia Barbosa dos Santos (PB)	
<b>Conto: 7: 10</b> – Bruno Ribeiro (ARG-MG) .....	42
<b>O Aeropago: Um cronograma de um faxina</b> -	
Valdênio Menezes (PB) .....	44
<b>Conto: O Homem do conserto já che-</b> .....	47
<b>gou</b> – Paula Mandel (SP)	
<b>Mekatronia: o homem que vive den-</b> .....	48
<b>tro de uma caixa</b> - Will Simões (PB)	
<b>Artigo: Valter Hugo Mãe: a escrita como devir</b> - .....	49
Rafaella Cristina Alves Teotônio (PB)	
<b>Poemas: Despedida e outros poemas</b> – .....	54
Jonieri Ribeiro (PB)	
<b>Artista da Capa: Emídio Medeiros (PB)</b> .....	57



## Editorial

## A busca pelo ideal

Tal qual a metáfora de Bilac sobre o poeta e o talhador, a Blecaute faz-se diamante torneado por aqueles que contribuem, editam e interpretam suas múltiplas formas e propostas de edição. Tivemos, sim, alterações ao longo dos anos: algumas que vieram para ficar, outras que foram meros experimentos. E, de repente, estamos aqui experimentando um novo visual neste número 17. Pensamos: qual a receptividade de uma edição adaptada ao futuro dos tablets e kindles? Você verá.

De outro lado, a presente edição sai atrasada, muito em devido a problemas pessoais e profissionais de alguns de seus editores nas diversas atividades que ocupam, entre professores, pesquisadores, escritores e artistas. A Blecaute, vale lembrar, não possui incentivos ou ganhos financeiros, sendo uma iniciativa em conjunto para difusão da literatura, formação de um clube de leitores e realização de eventos que priorizem a literatura acima de tudo, como o foi o Encontro das Traças, realizado em Campina Grande [veja]. Pedimos desculpas a nossos muitos leitores, colaboradores e colunistas. Temos um longo caminho pela frente e, a partir da próxima edição, esperamos voltar a publicar a revista regularmente.

Nesta edição de número 17, cuja capa é de livre inspiração do artista campinense Emídio Medeiros, além do visual trazemos uma diversidade de propostas, desde o conto de Mariel Reis (RJ) e Paula Mandel (SP) até os contos dos paraibanos Astier Basílio e Bruno Ribeiro. Seguindo a proposta acadêmica, temos o excelente artigo de Rafaella Teotônio (PB) sobre Valter Hugo Mãe, o ensaio do parai-

bano Thiago Lia Fook e o artigo sobre Newton Moreno escrito por Patrícia Barbosa (PB).

Na parte imagética, Flaw Mendes e o seu Poesia Imaginada reflete sobre o ofício da escrita e temos, enquanto participação honrada, Will Simões e sua estréia com “Mekatronia – o homem que vive dentro da caixa”. Entre os colunistas, Franklin Jorge (RN) escreve sobre o médico e escritor Eduardo Maffei; Reynaldo Bessa (SP) nos brinda com mais lições da prática literária com “poemas de uma bula de remédio: mãos à obra” e, por fim, o cronista Valdênio Menezes (PB) fecha com um “Cronograma de uma Faxina”.

Bem se vê que a Blecaute buscou cumprir mais uma vez seu objetivo nesta edição. Gostaríamos, por fim, de lamentar a ausência no ano de 2014 do V Encontro de Literatura Contemporânea. Evento na ativa desde o ano de 2010, este ano não foi possível devido a dificuldades de instalação em um lugar específico que pudesse atender às demandas do nosso público em termos de espaço e locomoção durante o carnaval.

Sentimos pela falta com nosso público e, sobretudo, com os amigos que compareceram ano após ano. Todavia, entramos em acordo sobre o fato de que 2014 é tempo para atender às reivindicações de um evento desta vez a ser realizado em outra época do ano. Um evento do próprio calendário da cidade de Campina Grande, independente e receptivo a sugestões, programações e alternativas. Sugestões, inclusive, que podem ser mandadas para nosso e-mail:

revistablecaute@gmail.com

Boa leitura!

Os Editores

## O PEIXE

*Por Mariel Reis*



Ele tinha transtornos. Os transtornos impediam que se relacionasse com mulheres. As mulheres evitavam-no a todo custo.

O custo era alto. Alto porque contratávamos prostitutas. As prostitutas tinham que ser louras. Louras e peitudas. Louras, peitudas e altas. Altas, altas, depois de tanta bebida. Bêbadas elas começavam a olhar para o meu amigo. Ele tinha transtornos. As prostitutas eram fadas.

Ele não notava o desprezo, o nojo, o desconforto. As prostitu-

tas depois de rodadas de bebida esqueciam por um tempo o desprezo, o nojo e o desconforto. Permitiam - lhe tocar nos seus seios.

Ele tocava, agarrava e mordida as prostitutas. Prostitutas lindas, louras, altas. O atlas do mundo dele. Torto, na cadeira de rodas.

O dinheiro comprava toda aquela felicidade. As prostitutas passeavam em sua cadeira de rodas elétrica, dançavam com ele, colavam os ouvidos à sua boca para escutarem a sua voz fraca.

Tudo custava dinheiro, muito dinheiro.

Eu bebia uísque nacional. Uísque falsificado. Ele, lá, na pista de dança, com as prostitutas altas, louras e peitudas. O meu dinheiro escasseava. Toda vez ele me pedia as prostitutas louras, altas e peitudas. Agora queria prostitutas louras, altas, peitudas e de olhos azuis.

Chamei as mesmas da festa anterior. Comprei lentes de contato para todas. Todas tinham agora olhos azuis.

O médico dele deu - lhe mais três meses. Ele repetia O PAI, O FILHO E O ESPIRITO SANTO. Repetia. Repetia. Três meses. Ele se apaixonou pela prostituta alta, peituda, loura e de olhos azuis. Queria casar com ela. Casou bêbada. Era um casamento de mentirinha. Dormiu com ele a primeira noite. Cobrou alto. O meu dinheiro acabando. Fiz um pacote de uma semana.

Ele não queria mais as festas com tantas louras, peitudas, altas e de olhos azuis. Só queria ela. Eu bebia litros de uísque, trabalhava pelo computador, saía pouco de casa. Descansava na piscina. Ele ria. Os cabelos afagados por aquele sonho comprado caro.

Começou a me pedir coisas impossíveis. Viagens a lugares distantes, sagrados ou não. Ele me pediu para morrer em um submarino. Havia aquele parado no velho cais do centro que servia para a visita de estudantes. Ele não sabia quando morreria. Morrer fora de um submarino estava fora de cogitação.

A prostituta – esposa me pedia mais dinheiro, mais bebida. Eu me enojava de tudo aquilo: Por que ele não poderia levar uma vida normal? Por quê? Os médicos não se mostravam satisfeitos. Suspendi os remédios. Quer dizer, ele suspendeu.

Morávamos no velho submarino do cais da cidade. Todo visitante que o visitasse nos encontraria por lá.

As garrafas de uísque vazias boiavam ao redor do casco do submarino, repletas de cartas.

Um dia, acordei tarde, de ressaca. Ele estava vendo o nascer do sol. Levantou-se com esforço da cadeira, a prostituta- esposa molhava os pés delicadamente n'água. Escorregou até o mar. Nadou de costas uns duzentos metros.

Afundou.

Reapareceu, mais a frente.

Ele queria ser um peixe. Despedi a prostituta. Consultei o saldo de minha conta bancária. Deveria comprar um barco. Vendi o que me restava. E me tornei um pescador.

---

**MARIEL REIS** (RIO DE JANEIRO) – Contista e Poeta. Integrou os conselhos editoriais da Confraria do Vento e Paralelos. É autor de “Cosmorama” (Poemas) “Vida Cachorra” (Contos).

**!Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

*De Carlos Moreira*

\*

suave é ser entre pedras  
a língua que a água fala

ser de si mesmo o espelho  
e a mão que o despedaça

\*

diante do rio  
da lua da estrela  
cadente

tanta palavra  
mais certa

e eu só disse  
puta que os pariu

ou:  
merda



\*

sou um homem limpo

uso meu nome  
para escovar  
os dentes

trago no peito  
uma serpente  
mordendo  
a própria cauda

mas é marca na pele  
e travo de veneno  
nos meus olhos  
não se pressente

apesar de crápula  
mentiroso e libertino  
sou inocente

\*

celan  
se lançou  
no sena

de uma  
das pontes  
do sena

no sena  
ainda sujo  
do inverno

entre as margens  
estreitas  
do sena

em alguma  
curva  
do sena

seu corpo  
esbarrando  
na pedra

algum peixe  
cinzento  
do sena

assustado  
com os olhos  
abertos

a água  
suja  
do sena

selando  
o céu  
de sua boca

suas mãos  
no musgo  
do sena

seus dedos  
no fundo  
do sena

no dorso  
argiloso  
do sena

desenhando  
ainda  
um poema

um segundo  
depois  
apagado

celan  
se lançou  
no sena

o sena  
seguiu  
afogado

\*

você  
era de vidro  
e sopro

eu  
bruta pedra  
primitiva

fomos feitos  
pelo avesso  
um pro outro

eu, a morte  
você: vida

\*

faltasse

mais

você

não

caberia

---

**CARLOS MOREIRA**(RONDÔNIA/PARAÍBA) – Poeta. É autor do livro Cardume, que recentemente foi indicado ao Prêmio Autor Literário 2013 pela Revista Quem Acontece. Organiza, em parceria com Marcos Aurélio Marques, o FLAMA – Festival de Literatura da Amazônia.

## EDUARDO MAFFEI

*Por Franklin Jorge*



1939. Após sofrer prisões sob o Estado Novo, em decorrência de sua militância política, iniciada ainda na adolescência, chega a Natal Eduardo Maffei, médico e escritor. Obrigado a abandonar o exercício da profissão, transformou-se em “falsificador dela”, passando desde então a percorrer o Brasil como propagandista de remédios. Foi uma das melhores coisas que fiz na vida, se não a melhor – afirma, bem humorado, recordando-se de fatos e pessoas, entre os quais, o escritor Luis da Câmara Cascudo, que conheceu no Recife, brilhando numa roda de intelectuais pernambucanos.

Por essa época Maffei costumava freqüentar um grupo que

se reunia diariamente na esquina da Rua 1º de Março com a Rua do Imperador, no Recife, na vizinhança do Café Continental e da charutaria que fazia varejo da fábrica de cigarros Lafayette, ponto de encontro obrigatório da intelligentsia local.

Essa esquina tornou-se conhecida como “a da Lafayette”. Fazia-se ali, todas as noites, na calçada da Rua do Imperador, uma roda em que o Papa era o poeta Joaquim Cardozo. Essa roda havia se iniciado, anos antes, por Osório Borba, redator do Diário de Pernambuco, que ali se demorava a caminho do jornal. Levado por Eustáquio Duarte, ainda alcancei, integrando o grupo, o Ascenso Ferreira, antes que ele se mudasse para o bar do Grande Hotel. Ao se despedir, ele costumava dizer com o seu vozeirão de baixo, “voltarei com o sol das madrugadas da primavera”... Em abril de 1940 – a data eu não lembro com precisão –, aí por volta do dia 10, apareceu ali uma figura desconhecida para mim. Sua presença foi motivo de alegria geral. Ele, com sua verve, passou a comandar o espetáculo.

O homem, expansivo e cheio de verve, que Maffei recorda com emoção, era Luis da Câmara Cascudo. Nasceu aí uma amizade entre os dois homens que se consolidaria com o tempo. Trinta e sete anos depois, ao ser recebido no solar da Avenida Junqueira Ayres, Maffei ouviria de Cascudo que uma das poucas correspondências que guardava, depois de lidas, era a sua.

Cascudo era exatamente o homem descrito por Heine. O poeta alemão escreveu, em alguma parte de sua obra pré-romântica, que o homem só é homem quando ri... Creio que Cascudo fez da vida só alegrias e, em todos os nossos contatos, ele pôs o pitoresco.

Nos primeiros dias de 1939, Maffei visita Natal pela primeira vez, como representante de laboratórios. Dois anos antes, perseguido pela ditadura de Vargas, interrompera o exercício da medicina, tendo

sido preso quando a exercia em Capão Bonito, um lugar, segundo diz, o diabo perdeu as botas. Tinha início aí uma vida errante.

Eu propagandeava remédios, escrevia e, até onde era possível, servia de estafeta na Organização de resistência ao Estado Novo. Lembro-me que em Natal hospedei-me num hotel que era algo de dantesco e rudimentar. Eu já conhecia prisões políticas, mas eram pensões, apesar de forçadas, gratuitas... O meu primeiro deslumbramento, em Natal, foi a presença de uma mulher que, até hoje, costuma visitar-me em sonhos... A cidade, ainda provinciana, tinha, porém, seus encantos.

Havia a Cidade Alta e a Ribeira e um bonde que, às vezes sem freio, fazia a ligação entre os dois bairros mais tradicionais. Era célebre, esse bonde. Embora raramente, uma ou outra vez, descia direto, em alta velocidade, espalhando o pânico... Depois, fiquei sabendo que os estudantes do Atheneu Norte-riograndense costumavam passar sabão sobre os trilhos, para fazê-lo deslizar daquela maneira perigosa...

Por essa época, Eduardo Maffei escreveu para a revista *Cultura*, que se editava em São Paulo, uma reportagem sobre a epidemia de malária provocada pelo anófelescambiae que se abatera sobre a cidade. Os potiguares bem informados diziam que o mosquito havia sido introduzido pelo laboratório Bayer, para vender Atebrina e Plasmuquina, medicamentos usados no tratamento da malária... E eu, como bom anti-fascista, endosseí, nessa reportagem, essa opinião.

Nascido em Itu, no estado de São Paulo, em 1912, Eduardo Maffei confessa que até hoje continua a apaixonar-se pela beleza e, por uma certa noite em que, recém-casado, deambulou madrugada adentro pelas ruas de Natal, na companhia de Cascudo.

Uma das coisas que mais impressionou Maffei foi a forma pela qual se comemorava o São João em Natal. A cidade ornava-se de lanternas de papel de seda de todas as cores. Não havia fachada de casa que não tivesse, pelo menos, uma. Fosse casa de rico ou de pobre, ostentavam em suas fachadas uma ou mais lanternas. O povo trazia para ali a primavera. Na véspera, sobretudo, era um vai e vem alegre de milhares de pessoas que se entrançavam pelas ruas do Alecrim para as Rocas e das Rocas para o Alecrim, os bairros antípodas, onde o São João eram comemorados nessa festa pagã.

Havia nas Rocas um restaurante, se não me falha a memória, de uma dona que preparava um peixe mais disputado que água pelos sertanejos em tempo de seca. Mais tarde, ao escrever um ensaio - que perdi depois de publicado -, sobre a influência do solstício de inverno na existência dos povos, fixeí o São João natalense em que o amendoim e a castanha de caju são nossas nozes e avelãs e, o nosso pé-de-moleque o panettone do hemisfério norte.

Somerset Maughan, com sabedoria, que a vida não se conta por anos, mas, sim, por momentos. Esses dias valeram-me muito. Lembro-me que, asvariando - o verbo é neologismo meu, de Judas Asverus e significa andar sem rumo-, passei por uma casa profusamente enfeitada e tresandando alegria. Como visse que entravam ali algumas pessoas, perguntei que tipo de casa era aquela. E entrei. Foi quando Maffei se deparou com “uma mulher meiga e encantadora, capaz de virar a cabeça de qualquer santo”, chamada Maria Boa.

Por esse tempo eu descobri Dona Beja, de Araxá, que vivera um século antes. Fui eu que a descobri e sobre ela escrevi um trabalho na revista do Arquivo Histórico, de São Paulo, embora muitos anos depois, quando o assunto caiu em domínio público e foi assunto de TV, nem como eco o nome do descobridor dessa existência

extraordinária, Marquesa de Santos que foi do Triângulo Mineiro, aparecesse. Vendo Maria Boa tive a impressão que, por um processo de metempsicose, Dona Beja houvesse renascido em Natal... Maffei relembra que Maria Boa era muito importante e pairava sobre a cidade. Sua casa era freqüentada e atraía políticos, comerciantes, enfim, o supra-sumo da época. Trocamos algumas palavras. E nunca mais esqueci daqueles instantes...

Ainda, de Natal, o autor de “A Greve”, lembra que em 1946 reencontrou o proto-comunista Vulpiano Cavalcanti, que conheceu em Fortaleza, na época em que fazia propaganda de laboratórios. Maffei o considera um dos mais autênticos homens de que tem notícia. Estive com ele duas vezes. Mas se há algo que me marcou na vida, foi sua firmeza. Porém, acrescenta, para falar a seu respeito, precisaria de um dia inteiro.

(Fragmento do 2º volume d’O Spleen de Natal, de Franklin Jorge [inédito])

---

**FRANKLIN JORGE** (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Vencedor do Prêmio Câmara Cascudo em 1998. É autor de diversos livros, destaque para Ficções, fricções, Africções (1997)



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)

*De Bárbara Lia*

Não sei costurar o invisível  
A cada crisálida  
Rompida antes do tempo  
Borboletas morrem  
Em minhas mãos

### **Canto Sagrado de Estrela & Flor**

A fala tensa do teu desejo sufocado  
A evocação da branca flor convexa  
Poética réplica de Apolo - Amado!

Teu desejo oculto neste fog imaculado  
Saltou - sem cerimônia na noite branca  
De corujas cínicas a cicizar - Sim!

A esta evocação - doçura e lâmina -  
Dissolvo-me. Nunca venhas para mim...  
Nunca venhas para minha cama

Sonhar abrigar tua carnadura em flor  
Espatifou os átomos do meu corpo -  
Quem há de suportar tanto amor?

Flor rósea côncava entorpecida  
Corpo cravado no absoluto iluminado  
Então é isto - Estar ao teu lado?

Deus extraiu-me da tua esquerdailharga  
E se voltar a ti vou me transfundir em blues  
Como uma estrela feliz que volta para casa.

## Dansl'air

Tínhamos a mesma idade  
Quando vimos o mar  
Este mistério de impaciência

Tínhamos a mesma impaciência  
– Rimbaud e eu –

Por isto  
Pisamos telhados  
Ao invés do chão

Por isto  
Machucamos nossos amores  
Com nossas próprias mãos

Por isto  
As velas acabam na madrugada  
Antes que o poema acabe

- Por isto, tão pouca a vida para tanta voracidade.

\*

*Pensei: vou morar em uma lágrima.  
E vi cenários de Kandinsky atrás da cristalina dor.  
Vi os retorcidos rostos detrás dos espelhos d'água.  
Vi uma casa-banheira, eu sempre líquida.  
Vi um teto vidro fosco, eu a olhar estrelas.  
E quando secar a minha casa?  
E como secar meu coração?*



## O sorriso de Leonardo

Dissecar cadáveres  
para buscar  
a perfeita anatomia.  
Libertar pássaros  
nos mercados  
da Itália renascentista.  
Beleza clara  
cabelos e barba  
emaranhados  
luz em desalinho.  
Toga cor-de-rosa  
levita na pele  
suntuosa de gênio  
-inocência serena-  
Leonardo, in carbon,  
copiando a própria beleza,  
em sorrisos negados.  
Sorriso de Leonardo  
inauguraria um novo sol  
aplacaria o brilho do astro.  
-seu sorriso imaginado  
seus quadros incendiados-  
nos conduzem enquanto  
vamos dissecando o verbo

com fúria encantada  
Desejo leonardiano  
de libertar o poema  
e revelar a musculatura  
exata de cada palavra.

---

**BÁRBARA LIA**(PARANÁ) - Poeta. Publicou nove livros (de poesia, conto e romance). Destaque nos prêmios SESC, UFES, Helena Kolody e Newton Sampaio. Antologias: O que é poesia? (Confraria do Vento), O melhor da festa - 3 (Festipoa) e Amar, verbo atemporal (Rocco), entre outras.

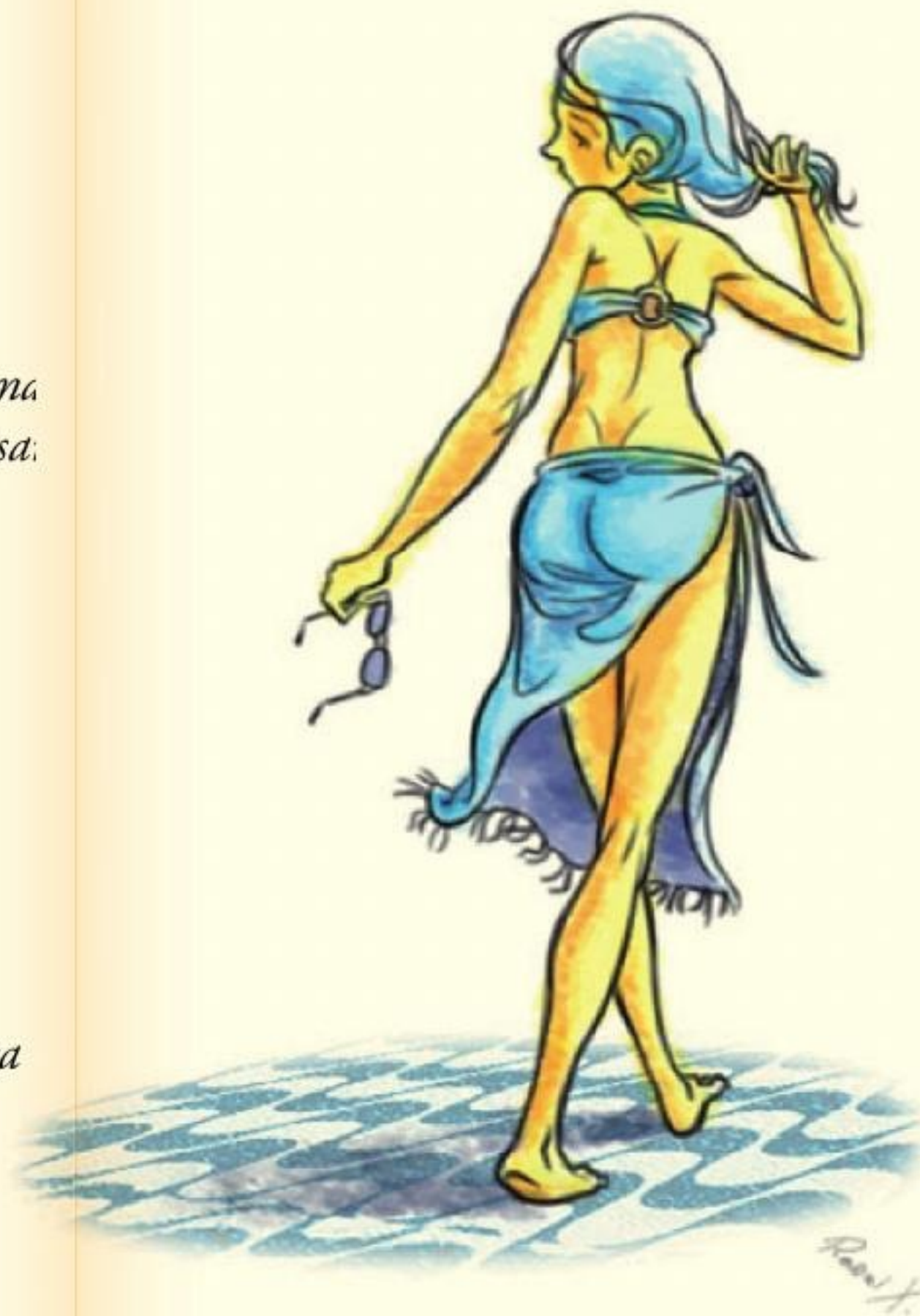
*Por Raoni Xavier*

*Olha que coisa mais linda  
Mais cheia de graça  
É ela menina  
Que vem e que passa  
Num doce balanço  
A caminho do mar*

*Moça do corpo dourado  
Do sol de Ipanema  
O seu balançado é mais que um poema  
É a coisa mais linda que eu já vi passar*

*Ah, por que estou tão sozinho?  
Ah, por que tudo é tão triste?  
Ah, a beleza que existe  
A beleza que não é só minha  
Que também passa sozinha*

*Ah, se ela soubesse  
Que quando ela passa  
O mundo inteirinho se enche de graça  
E fica mais lindo  
Por causa do amor*



CONTO

TÚNICAS VERMELHAS

*Por Astier Basílio*

Está com a testa franzida. A mão, erguida com os dedos muito abertos. O vermelho que lhe suja o rosto é de melancia. Está só de calcinha. Tem 5 anos. Com esta idade, falava que quando crescesse iria ser a baiana do acarajé.

Após ordenar diários, agendas, abandona a caixa de papelão.

Pega o celular.

A gravação indica que a chamada será encaminhada após o sinal. Espera.

Olha só.

Acho que esse deve ser, sei lá, o quinto recado que eu deixo. Só essa semana.

A última vez que eu fui ai, a senhora nem saiu do quarto pra me receber.

Tá, eu sei que não fui fácil. Que esse tempo todo. Enfim.

Mas a gente não pode ficar pra sempre desse jeito.

Silêncio. Suspiro.

Tá, na boa. Eu tô tentando, e não me venha com aquele papo de que eu estou querendo é livrar minha barra, pedindo perdão, pra poder me sentir melhor, que não é isso.

É que eu tava procurando a minha foto. A vestida da baiana do acarajé. Não achei nas minhas coisas. Deve estar aí.

Pede pra Nina achar pra mim.

Há uma pausa longa.

Beijo, mãe.

Separou em uma extremidade do quarto, numa sacola de lixo,

os pôsteres de Raul Seixas, Kiss, Ozzy Osbourne, Alice Cooper. A caixa com os livros de bruxaria, nem chegou a ser aberta. Encostou-a. Havia outra com revistas de ufologia. Conferiu, nas duas, se não havia outro conteúdo dentro. Amontoou o que tirou de lá. Rasgava uma a uma as folhas. Revista por revista. Deixou ao alcance rodo, balde e um pano.

Resolveu ligar o rádio enquanto juntava as cinzas e punha fogo no passado. Enganou-se e sintonizou no programa da Igreja Ide por Todo Mundo. Não percebeu a diferença.

E agora com vocês, a palavra amiga do Apóstolo Lacerda.

Vinheta.

Faremos agora, uma transmissão direta do culto da nossa Catedral da Fé.

Boa noite, pessoal. Que Deus abençoe a todos, rica e abundantemente, em o nome do nosso Senhor e Salvador Jesus.

Pessoal, antes de nós iniciarmos o culto, eu queria aproveitar que estamos em cadeia, amém, e fazer uma comunicação oficial do Conselho de Bispos da Ide a respeito do desligamento do Pastor Amaro Duarte Diaz.

Um azul desbotado, as roupas vermelhas, os óculos escuros. Manuela soube de um festival que aconteceria no Espírito Santo. A mãe deixara com ela o dinheiro do pagamento de algumas contas. Manuela olhando lasciva para o lado enquanto a fumaça da maconha conseguia um véu que lhe contornava o olhar. Um revival de Woodstock. Seriam os mesmos dias com bandas cover. Na última vez que brigaram, a mãe falou que ainda espera por este dinheiro.

Ele, que ao sair se nomeou Bispo, alegou divergências doutrinárias. Falou que na igreja nova dele, a Evangélica do Varadouro, não teria mais essa coisa de rosa ungida. Os pontos de contato, amém?

Pessoal, quem aqui recebeu alguma bênção, algum milagre, devido a campanhas nossas em que nós estimulamos a sua fé por meios desses pontos de contato, alguém? Toda a igreja, não é? Praticamente toda a igreja.

Manuela e apenas um véu vermelho serpenteando pelo corpo. É por do sol em uma cobertura na Augusta. Ela interpretaria Jean Genet. Mas não o faria como um homem. Foi no tempo em que morou com prostitutas e um michê. Fez laboratório para uma peça que nunca montou. Passava o texto enquanto o cubículo em que suas colegas trabalhavam era usado.

Ele também disse que iria fazer um reordenamento doutrinário. Que não se pregará sobre a prosperidade. Que não fará campanha de fé. Pessoal, se Deus quisesse que a gente só lesse o Novo Testamento por que razão ele deixaria que chegasse até nós o Velho? É. A igreja nova daquele que se diz Bispo que não vai ter voto. Não vai ter sacrifício de fé. Amém?

Quem aqui pode dizer assim, Apóstolo, eu recebi uma bênção, por meio da minha fé, primeiramente, e em segundo lugar, provando a Deus aqui no altar da Ide, atrás das campanhas, deixa eu ver, levanta a mão pessoal. Quem, a senhora? Ali nas galerias. Quem mais? Muitas pessoas, amém. O que eu posso dizer, pessoal, é que no Dia do Juízo, ele, o que se diz bispo, vai ser cobrado por não ter conduzido as ovelhas do rebanho dele aos pastos verdejantes. Que quando Deus chegar e disser: servo, o que fizeste com o talento que eu deixei? Aí, aquele que se diz bispo vai dizer: ah, senhor, eu o enterrei. Sabe o que vai acontecer? Não sou eu quem diz não, pessoal, não e o Apóstolo quem diz não, é a Palavra, Deus vai dizer, pra aquele que diz diz Bispo: aparte-se de mim, servo mau e negligente. Amém, pessoal?

Nas duas imagens está usando um chapéu de massa e um ga-

lho de arruda na orelha. O azul que vê estourando em tons Kodac é de Pipa. Lembra-se de ter conhecido a moça, em quem se enrosca num abraço de beijos e pescoço, na casa da filha de um americano de quem diziam que era um velho dos tempos da base americana em Natal, na II Guerra. Outros diziam que, num dos quartos da pousada, estava uma coleção de artigos nazistas. Fazia anos que ninguém o via. Diziam que quando surgiu o Viagra, ele passou a experimentar com a filha, Dorothy. Teria morrido assim. Na segunda foto, Manuela está dando um selinho em uma negra de cabelos curtos. Ao olhar no verso, reconhece sua letra, lê um nome que não lhe ajuda muito: “Mariá”. Manuela a conheceu porque conseguiu, não recorda como, participar do “sarau só com sereias”, na casa de Dorothy. Contrataram uma banda de jazz, para que se apresentassem despida à beira da piscina. Mariá era clarinetista desta banda. Cada número era intercalado por leitura de poemas de Sylvia Plath, Alejandra Pizarnik, Ana Cristina César.

E não é a primeira, nem será a última vez que o orgulho entrará no coração de quem serve a Deus, amém. Ora, se o próprio Deus sentiu isso, o que não pode acontecer conosco, vasos falhos? Deus sentiu isso em sua própria corte celeste, amém? E não era qualquer um não. Era o chefe dos anjos. O que era cheio de luz.

Manuela fez uma instalação que consistia em que cada espectador se localizasse nos círculos do inferno. Ela ficava em um quarto de revelar fotos, todo vermelho, e poderia ser espiada, os lugares para ela ser vista variavam de acordo com os pecados cometidos, definidos por uma espécie de programa de computador. Mostra o indicador e tem uma expressão de fúria porque naquele momento nem estava no personagem, tampouco fora dele.

E naquela reunião em que decidimos transferir o Pastor Ama-

ro, porque nós, os pastores, bispos e o Apóstolo, da Ide, nós não temos nossa opinião pessoal, até eu mesmo, o Apóstolo Lacerda não tenho isso de minha vida, nós não temos nosso desejo, nós sacrificamos nossa vida no altar, e estamos dispostos a quê? A tudo, pessoal. Tudo. Nós decidimos, por meio do Conselho de Bispos, porque sempre que há uma transferência assim, para outro país, votamos, e chegamos à conclusão de que seria melhor para o crescimento espiritual do Pastor Amaro que ele seguisse como missionário em Cuba, onde, após muito tempo, muita luta, muita negociação, inclusive com os nossos parlamentares, amém, conseguimos abrir um núcleo de trabalho lá. Cometendo o pecado da insubordinação, o Pastor Amaro se rebelou, e como acontece nestes casos, levou com ele uma terça parte com ele, uma terça parte que o seguiu e decidiu vestir túnicas vermelhas.

Vê-se o sorriso constrangido de Frei Lúcio, faces rosadas, calvo, óculos de armação redonda. Está desfocado. As mãos para o alto. Abaixada até o chão, flexionando a coluna, de frente para o religioso e esfregando-se nele, Manuela faz sua palhaça, Priquita. O templo ao fundo é um antigo convento de capuchinhos, hoje pousada, em Guaramiranga. Sob o rosto pintado de branco, uma boca rasgando lasciva em vermelho. Ela tem os olhos em transe. E o sorriso com língua segura uma pelota de morango.

É o que a própria Bíblia diz, uma casa dividida não subsistirá, e nós, da Ide, não somos uma casa dividida. Tanto é assim que, por exemplo, quando precisamos comprar um templo, como o do Varadouro... que o Pastor Amaro se apossou como se fosse dele, como se fosse comprado com o dinheiro dele, e não é, e não foi... nem foi com dinheiro só do povo do Varadouro, nós precisamos de ajuda de outras regionais, que vieram em socorro.

Manuela sem maquiagem. Óculos escuros. Os cabelos assa-

nhados. Olha para a vitrine de um sebo. O piso onde o sol cai em pedras é Portugal. Perderá seu grande amor naquela tarde. Deixará as malas e os documentos no hotel. Errará por alguns dias pela Europa até ser localizada por amigos em comum num acaso cujo fio a memória não recupera. Diz a eles que não retornará ao Brasil. Que prefere assim, a vida sem rumo. Que não está feliz, mas que ao menos segue adiante. A foto, tirada por alguém do grupo, era para que o grande amor dela, aquela altura em pânico, dedicado a encontrá-la, a reconhecesse. Manuela se recusava a confirmar ser quem era. Foi tão convincente que ficaram mesmo em dúvida. Não posou para a foto. Do conjunto que resultou, só na terceira imagem é que se vê bem seu rosto. Tempos depois, pensou em montar uma exposição com um diário sobre a perda daquele grande amor. O título seria: “Eu conto a minha vida pra você”. Haveria uma cabine. Os convidados escolheriam as fotos e Manuela contaria em 5 minutos a história por trás da imagem. Idealizou que alternaria memória com mentira. Imaginou que algumas pessoas retornariam dia seguinte para ouvir a mesma mentira ou uma memória diferente. De volta, reatou o relacionamento com o grande amor. Largou-o na semana seguinte por um jovem que conheceu nas aulas de yoga.

---

**ASTIER BASÍLIO** (PARAÍBA/PERNAMBUCO) – Escritor, Jornalista e Dramaturgo. Graduado em Jornalismo. Publicou 10 livros de poemas, entre eles “Finais em Extinção” (2009, Prêmio Correio das Artes). É co-autor da peça Ariano, montada pela companhia Epigenia, do Rio de Janeiro, em 2007. Em 2011 foi premiado com o seu livro de contos “Varadouro, Varadouro” (Prêmio Funesc).

## TORNEIO EM DEZ VOLTAS

Por Thiago Lia Fook

## 1.

Semanas atrás, descia a serra em direção ao mar quando, atravessando o Riachão do Bacamarte, percebi que o velocímetro já ultrapassara a marca dos cento e vinte quilômetros por hora. Vi as cabras pastando no canteiro central da rodovia, pensei no estrago que me fariam se decidissem cruzar a rua de casa e aliviei o pé. Admito o erro, mas confesso um segredo: volta e meia faz bem forçar o motor, desafiar os patrulheiros federais, deixar os circuitos mentais em modo aleatório e sentir o vento esbarrando na cara enquanto Bob Dylan vai cantando que *the answer is blowing in the wind*. Desde que, entre mortos e feridos, sobrevivamos todos – é claro. Mas tão logo voltei ao limite das placas, capotei em uma curva do cérebro: o que seria das idéias que se abortariam comigo se tivesse me tornado um cadáver infame? Supus que a comoriência delas não me afetaria em absoluto; entretanto, escapei ileso, e não sei dizer se é a vaidade dos vivos ou o desapego dos mortos que me motiva a um projeto. Este: dar vazão a alguns dos fragmentos que me habitam, ainda que verdes e precários, a fim de não sei exatamente o que fazer com eles. Quem esbarrar neste texto sem rumo, que me encontre os objetivos. E lhe acrescente as suas próprias intenções. “Com que método haverás de proceder?” – há seis anos, fizeram-me esta pergunta na banca de ingresso em um programa de pós-graduação. Contrariando meus mais íntimos pendores artísticos, esbocei qualquer desculpa com aparência científica e fui admitido. Hoje, tenha paciência o leitor e me dispense da prova. Sigo aqui o método que me inspiram o humor destas noites sem chuva e o vento que confunde o pó da varanda.

## 2.

Dia desses, conversávamos em família à mesa do café-da-tarde quando, após anunciar pela enésima vez minha indisposição para adquirir um *tablet*, ouvi de minha irmã do meio o que para ela saiu como conselho e para mim entrou como sentença: *seja mais moderno*. Não foi a primeira vez que ouvi o dispositivo. Há sempre alguém a postos para oferecê-lo a propósito das roupas que visto, das músicas que escuto, da sintaxe que emprego. Recolho-o como quem se sente condenado à sarjeta; entretanto, quando recolho a mim mesmo no sossego turbulento do travesseiro, são mais variadas as impressões que me vêm à fronha. É bem verdade que usei paletó quando criança, li livros místicos quando adolescente e ainda cultivo certo fascínio pelos ritos da monarquia na idade adulta; entretanto, faço uso de fogão a gás, chuveiro elétrico e comida enlatada. Talvez, eu mereça alguma penitência por não resistir ao charme do vinil estalando a voz de Charles Trenet, mas só a aceitarei de bom grado se me for compensada por atenuante a circunstância de usar computador e acessar a internet. Por que não um *tablet*? Porque não preciso de um – por enquanto. Sim, sei que um dos motivos-condutores do nosso tempo indica caminho diverso: a indústria fabrica o produto, a propaganda cria a necessidade, o consumidor compra a indulgência. Entretanto, folhee algumas páginas de Kant, li dois ou três contos de Andersen e passei a apreciar o papel do menino que ousa pensar por si mesmo e declarar em plena praça da alfaiataria do invisível: o rei está nu. E passeia na rua em carro do ano, escoltando por câmeras fotográficas de alta definição.

## 3.

Suprema provação é a da frase. Narrei um episódio banal, tropecei na tentação de alguns períodos pomposos e caí em desfecho inapropriadamente presunçoso e categórico. Afinal, eram outras as palavras que gostaria de escrever a respeito de como tenho elaborado a modernidade com o que vivi e compreendi até agora. Deixem-me ver como as arranjo, se assim ou assado, talvez de uma forma ou de outra e, aí estão, se servirem para o gasto: penso que o ser humano é livre, porque sua vontade não é determinada pela natureza nem por seres mitológicos; penso que, no exercício da sua liberdade, cada pessoa deve cultivar a perplexidade e afirmar-se até onde possível contra as circunstâncias e as censuras internas; penso que o equívoco e a contradição são ocorrências inevitáveis, da mesma forma que a perfeição é miragem de sistemas totalitários; penso que, dotado simultaneamente de habilidades racionais avançadas e emoções primitivas, o ser humano deve agir não com racionalidade, mas razoabilidade; porque assim penso, concluo que a autoridade deve existir em função dos serviços que presta à sociedade, e não para que os indivíduos lhe rendam bens e pronomes de tratamento; a moralidade deve ser um conjunto mínimo de parâmetros que viabilize a convivência, e não um sistema rígido de opressão do indivíduo; a técnica, sobretudo no avançado estágio de florescimento em que se encontra, deve ser empregada como instrumento para o prazer da pessoa, e não como fim em si; a autodesconfiança e o humor devem ser os princípios da ação e do pensamento. E que sejam convocadas ao diálogo as disposições em contrário.

## 4.

Mencionei o humor e pensei em Jorge Luis Borges. Minha memória guardou alguma frase sua, que pensei ser relativa a Voltaire, mas só agora – voltando à fonte – vejo ser referente ao próprio autor: “as pessoas, para não levarem a sério o que digo, me acusam de humor [...] digo o que penso, mas – como isso costuma contradizer muitos preconceitos – supõe-se que são brincadeiras minhas. E assim fica resguardada, bem, minha fama... e ficam resguardadas as coisas que eu ataco.” Ocorre que Borges era um cético mais ou menos confesso, a quem atraíam o valor estético e o aspecto maravilhoso de certas idéias religiosas e filosóficas, por menos que ele acreditasse nas idéias em si. Penso nessa cisão entre a convicção e o encanto, na impossibilidade de tomar o partido apenas da racionalidade ou do seu oposto, na necessidade de encontrar uma linha que ate as várias bordas da mente inquieta e me pergunto – olhando não mais para Borges, mas para mim mesmo – se, muito aquém das circunstâncias políticas do autor ou das questões literárias de estilo, não seria o humor um recurso eficaz de conciliação do indivíduo consigo mesmo. Porque se trata de uma forma de não mentir sem dizer a verdade, o humor permite a quem dele faz uso que evite a hipocrisia e se desloque por seus temas com a flexibilidade de quem admite o desejo sem aderir à bandeira, de quem sustenta o argumento sem subtrair a inclinação adversa, de quem se aproxima da realidade não para capturá-la sozinho e de uma vez por todas, mas para desvendar-lhe transitoriamente algumas nuances e convocar as alternativas e as divergências para nova rodada de papo, depois da sesta e antes do café.

## 5.

Mas o humor também é uma forma simultânea de impiedade e compaixão. Penso em Machado de Assis, por exemplo. O professor Schwarz afirma – se bem entendo – que o humor do amado mestre desempenha duas funções em sua obra: por um lado, serve para desmascarar a sociedade carioca da segunda metade do século XIX por meio da própria linguagem decorosa desta, denunciando-lhe a futilidade e o descompasso entre o escravismo de cor e o liberalismo de importação; por outro lado, insere-se no modernismo literário à medida que desafia o leitor a desconfiar do que lê e romper a tradicional adesão automática à perspectiva do autor. Longe de mim contradizer a palavra de um estudioso, sendo eu não mais que um leitor diletante. Mas a perspectiva do leitor não é um legítimo contraponto à do acadêmico? Penso, portanto, nesta aproximação de Machado de Assis pela via crítica e me pergunto: como poderia o homem que desejava incluir-se no palácio ser o mesmo autor que lhe atirava bombas na fachada? Não seria necessário ao autor acomodar o homem e ao homem reconhecer nas contradições do semelhante um motivo simultâneo de repulsa e comiseração? Não seria a dimensão universal das personagens de Machado a instância a que ele recorria para dar-se conta das inequações do ser humano e da impossibilidade de redimi-lo, para além de suas próprias circunstâncias, pela via da razão? Não seria mais ou menos isso o que nos sugerem as linhas tão jocosas quanto benevolentes com que Brás Cubas explica as melhorias póstumas de sua árvore genealógica, ou o comportamento hesitantemente pragmático do seminarista Damião no caso da vara, ou ainda o final infeliz de Simão Bacamarte? Impressões, enfim, não mais que indagações.

## 6.

É bem verdade que existe o caso de Nelson Rodrigues, que não se valia do humor para costurar sutilezas. Suas provocações sarcásticas e sua sinceridade suicida passavam a quilômetros da ironia introspectiva de Machado e dosorriso solene de Borges; entretanto, leio seu texto e sinto a percorrer suas linhas o mesmo convite para rir com o peito de quando me encontro com um e outro. Talvez, o humor do pernambucano não tenha tido outra finalidade além desta: fazer rir o leitor e, por meio do riso alheio, escarnecer do inimigo. Alguém de pudores contemporâneos poderia objetar que suas escolhas de inimigos eram verdadeiras imposturas, apimentadas pelo elogio ao presidente Médici. O espectador do seu teatro ou o leitor dos seus contos e romances poderia dar-lhe o desconto de ter desnudado a alcova em tempos de liberação dos costumes, o militante de esquerda poderia usar a etiqueta de ‘conservador’ para dar-se por vingado, o crítico literário poderia torná-lo inofensivo com o rótulo de ‘frasista’ e assim ficaríamos resolvidos. Mas eu me pergunto se não haveria nas crônicas em tom ensaístico de Nelson outra e viável chave de leitura. Não seria sua desconfiança em relação ao comportamento coletivo um eco dos seus dramas particulares em 1930? Não seria sua rejeição ao engajamento político do escritor o resultado do compromisso maior com a arte literária? Não seria precisamente a literatura o meio que lhe permitia a livre investigação da consciência e a destemida admissão dos afetos mais controversos? Não seria seu texto, portanto, um convite risonho ao leitor para fazer igualmente o exame de si, das próprias oscilações entre a virtude e a falha, a racionalização e o desejo?



A mesma pessoa de pudores contemporâneos poderia sentir-se mais à vontade na sala de estar de Voltaire. Também nele encontro o convite para rir com o peito, mas seu humor é menos sutil que o de Machado, menos indiferente que o de Borges e menos sarcástico que o de Nelson. São seus inimigos que não nos criam problemas com a consciência, já que nele não leremos palavras cruéis dirigidas à fome no Piauí ou ao doutor Alceu no Natal. Adepto da liberdade e da tolerância, Voltaire abominava o absolutismo no poder e o obscurantismo na mente; ainda que seu empirismo filosófico rejeitasse a ficção literária como uma fuga da realidade ele recorreu à narrativa para divulgar suas idéias sob a forma de enredo e, ao fazê-lo, não poupou o racionalismo filosófico e a intolerância religiosa de muitas páginas demolidoras. Mas há algo nesta militância literária que não fecha as contas com a vida do próprio autor; afinal, à medida que combateu a autoridade, Voltaire a buscou em alguma medida para si mesmo – como senhor de terras, como homem de letras. Se sua literatura parece não se mostrar consciente desta contradição, o recurso ao enredo para divulgar idéias sugere precisamente a impossibilidade da completude e da coerência. Por outro lado, quando convida a admitir a inviabilidade do otimismo em relação ao futuro da espécie humana e de cada indivíduo; quando faz os personagens oscilarem entre as inquietações da vida examinada e as delícias da vida simples, para concluir jocosamente que sobre isso e outros assuntos a discussão e a contradição são infinitas, Voltaire me faz pensar em seu humor como o consolo viável para a existência.

Percebo que estive a ponto de tomar o caminho da crítica literária. Não a rejeito quando os outros a fazem, porque serve de verniz ao texto, mas fazê-la seria para mim como interromper o ato sexual para discutir a relação amorosa. Porque penso por enredo e lacuna, não me dou bem com a investigação metódica e exaustiva que pedem as ciências ou os saberes que à condição de ciência aspiram. Se é à teoria literária que tal acusação cabe com mais propriedade, não deixa de ser a crítica o discurso que se vale da outra para descobrir no texto artisticamente elaborado uma espécie de verdade, não tão objetiva como a do relâmpago ou a do elétron, mas suficientemente distinta da que resulta do gosto e da criatividade. Que esquarteje Baudelaire quem desejar, portanto, que eu prefiro rir com Ferreira Gullar. Dou essas explicações porque acaba de ocorrer-me que já cogitei pedir à Academia autorização para tornar-me filósofo moral ou cientista político, entretanto desisti quando me dei conta de que tinha suficiente ciúme do meu próprio pensamento e do meu próprio fraseado para ceder a vez aos conceitos e aos procedimentos da exegese. Perco as titulações e a glória, guardo minha voz. E é com ela que faço uma observação. Junho levou os brasileiros à rua em defesa de tantos interesses desconexos que ainda não pude processar os fatos, analisar os feitos e chegar a alguma síntese. Entre o muito que foi chacoalhado, ameaçou ruir, mas se manteve em pé, continuei a cultivar uma velha máxima para uso pessoal, que me leva a desconfiar de discursos de políticos, reivindicações de rua e análises de jornal: muito antes de nos tornamos democratas, já éramos primatas.

Mas creio que foi Aristóteles quem sugeriu serem os jovens incapazes de meter o dedo nas questões éticas porque ainda não possuem serenidade suficiente para pensar e agir com discernimento. Penso nisso quando me dou conta do descompasso entre as tendências à impetuosidade a que freqüentemente dou freio e as aspirações à moderação a que repetidamente dou texto. Sobrevivo e escrevo como se uma parte da mente já houvesse se aventurado pelo mundo e descoberto seus caminhos e suas armadilhas, enquanto a outra ainda não tivesse saído da sala de casa e estivesse para constatar por si mesma as maravilhas e os riscos da rua. É porque meus circuitos racionais prevalecem sobre os emocionais neste momento, contrario a advertência do grego e rabisco estes tópicos despreziosos para uma filosofia fragmentada da moderação: o meio-termo é uma disposição de ânimo cuja falta leva à loucura e cujo excesso, à complacência; quem pondera deve permitir-se dias periódicos de falta e excesso; recomenda-se a quem deseja e não sabe fazer uso do meio-termo que marque uma consulta com o psicanalista; admitir a validade de opiniões emitidas a partir de diferentes perspectivas não é sinal necessário de pusilanimidade, mas é sinal possível de sanidade; o meio-termo não é um subterfúgio, mas uma forma de posicionar-se na vida, pensar sobre ela e, se houver oportunidade, agir nela; as formas moderadas de pensar e agir não estão imunes ao erro, por isso quem opta pelo meio-termo pode escorregar ladeira abaixo a qualquer instante; qualquer forma de pensar e agir que apele à liberdade, inclusive as baseadas no meio-termo, deve estar atrelada à responsabilidade.

*“[...] com o medo / aprendi o ofício / de armazenar as palavras / como num frigorífico [...]” – esses versos de Sérgio de Castro Pinto, no poema sobre o medo, lembram-me certo relato de José Castello. Conta o escritor que enviou certa vez um texto a Clarice Lispector na desesperança de alguma palavra crítica. Tempos depois, o telefone de sua casa tocou. Ele atendeu a ligação e ouviu, do outro lado da linha, a voz curta e grossa soar: “José, aqui é a Clarice. Você escreve bem, mas escreve com medo. Perca o medo, José!” Tenho carregado os versos e o relato como pontos de apoio emocional para as dúvidas que me dilaceram em meu processo de viver, pensar e escrever. Quando garoto, fui religioso e me guiei pelo mundo com o astrolábio da fé: havia certezas que me situavam abaixo do céu e me permitiam afirmar e agir com base em regras seguras e nítidas. A idade adulta, entretanto, atirou-me em um universo desencantado e plural, onde a correção de cada ato é aferível à luz de variados e até contraditórios prismas. Tornei-me dolorosa e saborosamente inseguro e encontrei na literatura o meio particularmente viável de expressão. Porque me permitem elaborar afetos e investigar arranjos humanos sem a chancela da verdade, a lírica e a narrativa acolhem-me, respectivamente, com generosidade. Porque me permite buscar jogos de sentido e manter a consciência do vazio primordial, o ensaio abriga minha perplexidade. É porque posso, por meio da criação, partir sem chegar, construir sem concluir, sugerir sem fixar, dou por interrompida a tarefa a que me propus no primeiro item para retomá-la em uma próxima estação e, com ou sem merecimento, descansar na sétima página.*

---

**THIAGO LIA FOOK** (PARAÍBA) – Escritor. Publicou o livro “Poesia Natimorta e versos sobreviventes” (Bagagem, 2010). Tem contos, poemas e ensaios em diversos periódicos.

*De Bartolomeu Pereira*

Fim de linha  
Meu barco sem leme  
Não há de durar o tempo de um afeto.  
Um cais de águas mortas me espera  
Em algum pedaço de praia,  
Para pôr as barbatanas na areia.  
Forasteiro,  
Ouvirei de longe as canções do mar  
E outra vez aprenderei a caminhar  
Como os cães.

(I)  
cortar a cabeça do dragão  
fraturar a vertebra  
boxear  
romper a costela  
resolver as querelas todas  
num golpe  
tupiniquim

(II)

Montanhas  
são pedrinhas que se acumularam,  
postas  
umas sobre as outras.  
No começo do Tempo  
dizia meu avô  
tudo tinha uma pré-disposição a ser ave,  
até mesmo os montes.  
Esses migravam  
sob uma Terra rasa  
em bandos bonitos de ver.

(III)

Inventarei um almanaque  
Contarei seus aromas  
As batalhas  
Travadas sob sua pele  
Dividirei seus limites  
Em regiões e estados  
Mapearei suas cicatrizes

Chegará o tempo da colheita  
Das suas sementes  
limpas  
Marcando o fim das expedições

As suas terras  
Poderão encher de calos  
Minhas mãos  
De flepas  
Só que sempre haverá  
O que se colher  
E onde viver.

De você faço a minha seara  
A estação chuvosa  
A promessa ancestral  
Cumprida  
De um tempo livre

(IV)

Julião precisou aprender a falar como os homens do  
[cinema,  
Ter aulas de tango, colocar um dente,  
Consultar cartas e gente infeliz  
Pra no fim Rosalina lhe dar o mote:  
“Julião, você me dói no olho que nem pedra.”

# POESIA IMAGINADA



Flaw Mendes (PB) - Artista visual e editor da Revista Blecaute.

**Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

## OFÍCIO LITERÁRIO

## POEMAS DE UMA BULA DE REMÉDIO:

## MÃOS À OBRA

Por Reynaldo Bessa

Sempre nos últimos encontros das minhas oficinas de escrita criativa que ministro em São Paulo, interior e outros estados, no tópico Poesia, onde já discorri sobre a forma, o conteúdo, a métrica, figuras de estilo, estruturas, rimas (aba, bcb, cdc, ded e assim por diante), ritmo (esse maldito), e etc... Proponho aos alunos um exercício: fazer um poema de uma *Bula de remédio*. Depois da proposta, passeio os olhos pela sala e logo vejo todo o afã poético esvaindo-se, escorrendo pelo chão, saindo pelas janelas, feito pássaros assustados. Vou em frente. Repasso-lhes, então, uma *bula* – trago sempre várias comigo e nunca dou a mesma a todos os alunos = peço-lhes então que façam o *poema*. Com um sorrisinho no canto da boca, digo-lhes ainda: com exceção dos conectores (*palavras ou locuções que servem para ligar ideias ou orações, permitindo construir frases: e, mas, porém, embora, no qual e etc.*), não inventem outras palavras. Quero apenas as palavrinhas que estejam nesse papelzinho vertiginoso.

Não fui o primeiro maluco a propor essa loucura. Existiram muitos outros loucos antes de mim e continuarão existindo muitos depois. Bom, insisto. Vamos! Convoquem a voz da *outridade*. A voz do outro que é você mesmo. E mãos à Obra. (literalmente)

Mas mesmo após ter falado um pouco sobre a história da Poesia e suas ferramentas, e suas possibilidades, e as escolas, as rupturas, os equívocos, os poetas, e tudo mais, ainda lhes apresento um pequeno guia de como iniciar esse ritual maluco da criação:

**1-leitura da bula:**

*Não precisa ler toda a bula, um leitor sabe aonde ir. É como o garimpeiro que não perde tempo com algumas pedrinhas simplesmente porque brilham. Ele sabe.*

**2-seleção de algumas palavras:**

*Dispneia, constipação, diarreia, morte, óbito, fome, dose, posologia, sede, cefaleia, vômito, gravidez, lactação, efeitos colaterais, hemorragia, (todas essas coisinhas assombrosas podem surtir grandes efeitos)*

**3-descobrir seus significados:**

Use o dicionário para construir um sentido ou invertê-lo ou mesmo subvertê-lo. A criação, a imaginação e a intuição são as diretrizes. Um grande escritor já disse: Os grandes escritores têm a sua língua, os medíocres têm a sua gramática.

**4-organizá-las numa estrutura:**

Depois de escolher algumas palavras, monte-as, palavra a palavra. Verso a verso. Defina a forma, o conteúdo: a métrica, o tema e o assunto.

Não confunda Assunto com Tema:

**Assunto:** aquilo de que fala concretamente o texto. **Tema:** abstração do assunto, a ideia que depreendemos dele.

**5-leitura:** (em voz alta para saborear as palavras, ver o que fica preso entre os dentes, as travas, os entraves, os deslizos, ressaltar e azeitar a fluência do texto)

E com decidida benevolência, cito o poema tirado de uma notícia de jornal, do Manuel Bandeira:

“João Gostoso era carregador de feira livre e  
no morro da Babilônia num barracão  
sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou

Depois se atirou ba lagoa Rodrigo de Freitas e  
morreu afogado”

*\*Estou citando o poema do Bandeira como um exemplo das possibilidades existentes do ofício da escrita, ou simples exercícios poéticos. Acho o poema genial, mas sinceramente hoje, eu tiraria o “morreu afogado” e assim o deixaria aberto a várias leituras e possibilidades: o que poderia ter acontecido? João suicidou ou simplesmente morreu ou apenas pulou na lagoa para tomar um belo banho depois de uma noite intensa?*

Mas voltando aos alunos após a minha proposta, por um tempinho ainda ouço o marulhar de ondas internas das inquietações dos aspirantes a poeta. Há barulho do arrastar de cadeiras, rasgar de folhas de cadernos, e de repente, surge um pequeno motim: alguns dizem que é impossível, outros afirmam que isso é chato, outros reforçam que não há poesia numa bula, e outros dizem que só há tédio numa receita de remédio, outros se coçam, e outros, aqueles que só vão escrever poemas quando o mundo acabar, nem tentam, ficam lá no canto com o atestado da desistência pregado bem no meio da testa. Remem! Remem! Continuo. Apesar do burburinho, do terrorismo, a despeito de alguns “poetas” continuarem achando mesmo que só há

poesia nas pétalas de uma flor, num céu azulzinho, num pôr do sol, no amor, ou coisas do tipo, no final acabam saindo coisas incríveis. E aí ficam espantados, animados, e agora querem fazer poesia até de uma *Abreugrafia* (e digo-lhes que é uma excelente proposta).

Digo-lhes que se acham isso impossível, o tornem possível, (como dizia o grande Muhammad Ali: impossível é apenas uma palavra). Não sigam o caminho, e sim, criem novas trilhas, se acham que é chato; vão brincar no *Beach Park*, e desistam de fazer poemas, se acham que não existe mesmo poesia em uma bula de remédio não a encontrará em lugar nenhum, e para aqueles que acham que só há tédio nessas palavrinhas duras, herméticas, antipáticas, sangrentas, cheias de vertigem, eu digo: Ah, o tédio, *Stendhal* falava disso em todas as páginas, *Flaubert* dedicou livros inteiros ao assunto, e *Baudelaire*, oh, o poeta das *Fleursdu mal*, esse foi o grande autor do tema. O tédio. Ele virou-o do avesso e o lambeu logo em seguida. Dele, fez um lindo *buquê*.

É claro que no final, depois de conhecer todos os frutos dessa linda viagem louca, eu mostro o meu poema.

### poema construído de uma bula de remédio

(Reynaldo Bessa)

\*vômito

Indigestão, náusea, diarreia  
depressão, vertigem, cefaleia  
convulsão, flatulência, dispneia  
obstipação, asma, apneia  
óbito.



*\*O primeiro ponto a se observar no poema é a disposição do mesmo na página. Ele tem a forma de um frasco. A palavra **vômito** ilustra a tampa e **Óbito**, a sua base. No meio, a maior parte da composição: as palavras-cápsulas. E todas elas formando a síntese do pensamento, da mensagem, ou seja, “não tome”: contra indicado. Uma crítica sutil (se é que isso é possível) à indústria e ao mercado dos laboratórios farmacêuticos.*

*A primeira coluna rimando com o verso seguinte dessa mesma coluna, assim também com a terceira coluna, e a do meio sem rima alguma, para quebrar a monotonia, a estabilidade e assim dar o ritmo e revelar a fluência, e ressaltar a sonoridade do texto. Sem falar na métrica (técnica de compor versos seguindo um metro: considerando as sílabas gramaticais de cada verso, as elisões e as crases poéticas, entre outras coisas) Por final, **Óbito** fecha o poema de modo brusco, no próprio sentido da palavra: fim, morte, ponto final, sem mais palavras, acabou. Ou seja, não só podemos fazer um poema de uma bula de remédio como é também possível até fazê-lo como uma **anti-bula**. É isso. Até a próxima.*

---

**REYNALDO BESSA** (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Músico. É autor de vários livros e discos. Entre os livros destaque para Outros Barulhos (Poemas, Prêmio Jabuti de 2009) e entre os discos destaque para O Som da Cabeça de Elefante.

*De Salomão Sousa*

Todo preâmbulo inaugura o medo.  
São as luas, os rochedos ou  
os abismos voluntários.  
Permanecem pelos séculos  
a dominar o infinito ou  
a encher de orgias  
a duração e a cárie.  
Outros são os componentes  
dos fuzis, dos afogamentos  
no Tibre, dos saques aos caixas ou  
da espessura da lingerie.  
Das intrépidas e inúteis  
folhas de guarda.  
Primaveras unitárias  
tragadas pelas boquilhas  
seguem com os transeuntes,  
raspam pelos lábios,  
expelem erupções pelas nádegas.  
Ninguém entende o furúnculo,  
a harmonia das águas e das pétalas.  
E se houvesse entendimento ou  
a extinção da linha do tempo,  
quem iria recolher o sal,  
construir a alvura ou

estrear o lençol e a luz?  
Quem iria preparar  
o combate aos vândalos?  
O que há é o medo  
e a porta de ouro que não o extingue.

Em meio ao espelhamento das escolhas  
acontecerá o excesso de luz a ressecar as ervas,  
ideias que se ligam ao soco, às intrigas,  
o cervo a assistir a velocidade dos bêbados.

Depois de o armamento transbordar do bernal,  
utensílios dão para descarnar as faces,  
cobrar nivelamento de nervuras.  
O tratado rasgado, a volúpia dos relatos.  
A renegada palavra que se precipita,  
a reabilitada confiança de volta ao conflito.

No momento que temos a satisfação do pássaro,  
do estrangeiro na sacada a traquinar feliz. Feliz.  
Caem, não só nesses momentos, também de Dante,  
os nossos crestados pés, o odor do filho,  
o volume das polpas no branco, no brim dos seios,  
caem as pálpebras de nossa mãe, o pó de nossas vigas.  
Com o movimento dos remos, os comandantes.  
A esquadra perfilada no porto dos encalhes.

Ah! a luz que resseca as ervas não perdoa o corvo;  
invade os limites, danifica as trevas!

alguém sem pressa/com seios lerdos  
assim sem repartir o leite ao fim do dia  
assim chato de lembrar na hora decisiva  
de abrir latas/comer as partes frias  
na decisão inconteste/ah! escorregar  
cair onde ficar em definitivo  
sem ter de mover uma palha  
ou chamar por Dayla/virar os olhos  
esfregar linóleos/ai/óleo nos lábios  
nos decotes invisíveis/implausíveis  
ai! se vier a tromba d'água/ouvir as calhas  
o orvalho silencioso nas dalias  
entre trempes/talhos encalhar  
sem alguém para esquentar  
as partes altas/as partes frias  
quantos gigas têm o dia?  
quantosbites a noite? quantas folhas?  
ah! os brotos vagarosos/os seios lerdos  
as cerdas dos sexos secos  
as cordas espichadas moles/nem  
nós/nem arritmia

as longas folgas na lentidão dos eixos  
os colos sem ciências/sem superfície  
e logo o amanhã se pronunciará  
com a madeira podre/as portas cerradas  
nos esgotos/o estrume de tutti crias

Tangido a estalos secos  
 o cavalo ecoa no asfalto  
 empurrado dentro do enfado  
 Pressupõe um mundo que nada  
 sem nódoas no verde  
 O tempo dentro da viseira  
 não existe nas laterais  
 O espaço não passa  
 de uma água incapaz  
 de escapar aos canais  
 A distância se acanha  
 sem declarar aonde a chegada  
 Pode ser onde for  
 os corvos não acabaram  
 Talvez montes de lixo  
 sou a repugnância do estorvo  
 Apavora desconhece  
 quando será admitido beber  
 e mesmo se haverá água  
 Suplício não saber quando  
 será dado o último estalo  
 Angústia o desperdício da marcha  
 levando nem mesmo ao atoladouro

A poesia é um dos meus nervos  
 aquele mais sensível  
 que move as minhas demais mãos  
 os demais passos de meus pés  
 Move as lâminas com as quais derroto  
 os arrotos dos Hades do tédio  
 com as quais não dou saís  
 às cinzas dos rancores e das tragédias

Dos veios dos vales, das fêmeas?  
 Quem não veio das heranças do sol?

Ainda são as retinas, as tiras de cor  
 Há o miosótis, a pele, o espelho de chuva  
 a seiva reluzente nas frondes humanas  
 Com a poesia desponto do escuro  
 embarco sem os grumos das ausências  
 Fervo o sangue com os braços da poesia  
 e com os nervos quentes das palavras  
 Remo os barcos às margens dos homens

Mostrou os brotos de verdes extremos?  
 Quem ainda não retesou os nervos?

**SALOMÃO SOUSA** (DISTRITO FEDERAL/GOAÍS) – Poeta. É autor de diversos livros, destaque para *A moenda dos dias/O susto de viver*, Ed. Civilização Brasileira 1980; *Estoque de relâmpagos*, Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária, 2002 e *Ruínas ao sol*, Prêmio Goyaz de Poesia, Ed. 7Letras, 2006. Produz textos críticos para jornais e revistas. Publicou em 2008, com recursos do FAC, o livro *Momento Crítico*, de textos críticos, crônicas e aforismos.

## O DESEJO E A MEMÓRIA COMO MOTORES POÉTICOS NA PEÇA AGRESTE/MALVA ROSA DO PERNAMBUCANO NEWTON MORENO

Por Patrícia Barbosa dos Santos

*Agreste* é uma peça escrita pelo dramaturgo pernambucano Newton Moreno. Teve sua estreia em 2004 em São Paulo, recebendo neste mesmo ano o prêmio Shell de melhor texto e da Associação Paulista de críticos de Artes – APCA, os prêmios de melhor espetáculo e melhor autor.

A história de *Agreste* é localizada geograficamente no sertão do Nordeste e sua ação pode assim ser resumida: um casal de roceiros descobre o amor e atravessam o Nordeste para realizá-lo. Uma realização tímida, os amantes passam os anos em que moram juntos sem muito se conhecer. Até que acontece a morte de Etevaldo, o esposo. Perdida após tantos anos na companhia de seu grande amor, desesperada pela perda, ela descobre ainda, através de vizinhos que vão auxiliá-la na preparação do defunto, que ele na verdade era uma mulher. A intolerância do povo daquela pequena vila que os acolhera é tanta, que o delegado não permite o enterro de Etevaldo por aquelas bandas, já que se trata de gente “que são que nem as quenga, as rapariga, as catraias, as sapuringa, que são tudo enterrada longe, no eito, nas brenha esquecida. Nas terra dele [do dono da fazenda] só esterco bom. E vocês fedem a adubo estragado” (MORENO, 2004a, p. 103). Além disso, logo após o enterro, a esposa será presa. Sentindo-se desgraçada, pois para ela não valia mais a pena a vida sem Etevaldo, o desejo da esposa de ir com ele, desejo este que é atendido

pela maldade das pessoas da vila, que lhe ateiam fogo a casa, satisfeito através da maldade e cruzeza a uma vontade tão nobre e sublime, que é a da mulher que ama tanto a seu marido, que quer ir com ele para onde ele for, inclusive encontrar a morte.

Newton Moreno, no texto *Agreste: uma nostalgia das origens*, diz que sua criação se originou da memória. Uma amiga que trabalhava com orientação sexual de mulheres camponesas, em conversas com ele comentava assombrada do desconhecimento que estas mulheres tinham de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de si. A partir daí, Moreno organizou o material temático-formal em torno de dois eixos centrais: “a medida aterradora desse desconhecimento e os desdobramentos da ignorância nestas comunidades; e o recurso do contador de estórias do Nordeste” (MORENO, 2004b, p. 93).

Além disso, *Agreste* põe em prática algumas de suas preocupações estéticas: a possibilidade de conectar homoerotismo e teatro; e o retorno à cultura popular nordestina. Este retorno se dá formalmente com a presença de um narrador/ator/contador de estórias, que está sinalizado no início do texto dramaturgic. Através da memória o narrador conta a estória desse casal, trazendo consigo sabedoria, tecendo uma rede de significações para um coletivo, que o está ouvindo. Assim, “o artista a serviço/servo da memória e a memória como exercício poético de *Agreste*” (MORENO, 2004b, p. 94).

O teatro contemporâneo tem experimentado o retorno à narrativa como categoria artesanal. O ator/narrador/contador reúne em volta de si pessoas para trocar experiências, para uma busca mais autêntica nas relações humanas.

Walter Benjamin, na obra *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* tem um capítulo dedicado ao narrador, o qual, segundo ele, está em vias de extinção. Declara Benjamin, que as ações experienciáveis intercambiáveis foram esmore-

cendo a partir da 2ª Guerra Mundial, encontrando nos soldados sobreviventes o silêncio de quem não tinha nada para contar. Benjamin diz que um dos motivos da decadência do ato de narrar é o advento do romance, que, longe de ser uma experiência coletiva, como era com os narradores orais, o romancista segrega-se, e o leitor, também. Esse movimento do narrador diferencia-se do romancista, pois “o narrador tira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Ou seja, a narrativa tem uma dimensão utilitária que é a da interatividade, intercâmbio de experiências que o romance não possui. E por ter essa proximidade com os ouvintes, o narrador é um homem que sabe dar conselhos, carrega consigo uma sabedoria advinda de sua própria experiência, pois para aconselhar é necessário saber a história do aconselhado.

O romance é ameaçador da narrativa, mas a informação, com a chegada da imprensa é o grande monstro. Isto porque a informação vai de encontro à arte narrativa, que consiste em deixar fluir a imaginação, evitando, para isso, dar muitas explicações dos episódios narrados. A informação, como diz Benjamin, “precisa ser compreensível ‘em si e para si’” (BENJAMIN, 1987, p. 203). Ou seja, a informação vem acompanhada de explicações. O romance moderno também é algo parecido. Diz Octavio Paz que a modernidade é caracterizada pela crítica. Crítica, análise de si, do outro, de todos. “Um dos traços que definem a literatura moderna é a crítica; quero dizer, ao contrário do passado, não só canta os heróis e relata a sua ascensão e queda, como também os analisa” (PAZ, 1994, p. 95). Deixando o leitor/ouvinte livre para interpretar a narrativa da maneira que lhe aprouver, “o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1987, p. 203).

Na peça que estamos tratando é impossível adentrar as características psicológicas dos personagens, muito menos dos protagonistas, de tentar construir analiticamente a imagem que deles podemos fazer. Isto porque a narrativa possui uma concisão impossível ao romance. Ela não abre possibilidades de análise psicológica. Esta “sóbria concisão” como Benjamin denomina é que facilita a memorização da história contada, tornando possível articulá-la à própria experiência do ouvinte e sendo, portanto, aumentando a possibilidade e a atração de ele a recontar. Concisão essa que não se assemelha, de modo algum, à abreviação. A narrativa possui como característica várias camadas de história que vão sendo superpostionadas através da recorrência à narração.

Estes esclarecimentos se tornam importantes na medida em que, parece que o teatro contemporâneo tem percebido a morte da narrativa refletido por Benjamin com as características da modernidade e, como inovação estética, formal, conteudística (que não está separado sob hipótese nenhuma da estrutura), o teatro vem reincorporando elementos narrativos, épicos, episódicos como que a recuperar um estado de criação imaginária coletiva, perdida com as relações de produção e os modos da vida privada.

*Agreste* é assim colocada à visão do espectador: há na peça um ator/narrador/contador, que pode assumir os outros papéis, e que conta a história deste casal de lavradores, do início de seu amor, da travessia mítica que empreendem para a sua realização, e da fatalidade que acomete suas vidas com a chegada da morte de um dos amantes. O recurso ao diálogo só acontece no episódio da morte de Etevaldo, e, mesmo assim, amparado pela narração, como de um cronista esportivo. O fato de na peça o narrador poder assumir a vida de qualquer outro personagem concorda com a ideia de Benjamin sobre o narrador que “[a narrativa] mergulha na vida do narrador para em

seguida retirá-la dele” (1987, p. 205). Newton Moreno assevera ser qualidade do bom contador de estórias ser

obrigado a entrar em sua estória. E, aos poucos, o contador vive todos os personagens, o contador assume todos os diálogos. Ele salta de si para a personagem e retorna para si, absoluto senhor da narrativa. Um artesanato de contar. Imitar narrando e imitar agindo (2004b, p.94 ).

Nesta esteira da narração, falemos agora de como ela interage no teatro, cujo gênero principal é dramático.

No teatro contemporâneo é visível e inédito um retorno ao uso da narração, desobedecendo à norma aristotélica de constituição do dramático, porque tornava o gênero “impuro”. Porém este recurso tem sido utilizado desde a Grécia antiga, com os coros e os epílogos nas tragédias, como parte da história que não era representada, mas narrada. O retorno ao gênero narrativo como elemento formal e estético no teatro é considerado por Hans-Thies Lehman\* como “um traço essencial do teatro pós-dramático”, dessa forma transformando o teatro “no lugar de um ato de contar” (LEHMAN, 2007, p. 185).

Há no teatro uma nomenclatura muito específica da incidência ou da prevalência do narrativo (diegético) sobre o dramático (mimético). O termo narraturgia foi cunhado José SanchisSinistera\*\* para designar essa relação de predominância do contado sobre o representado, tendo por ideia a realização de um texto “dramatizável por atores, mas que sua estrutura seja absolutamente narrativa, que prescindia dos diálogos” (MACHADO, 2011, p.5 ).

É exatamente isso que Newton Moreno realiza com o texto *Agreste*, acrescentando ainda a esta narraturgia a dimensão lírica.

\* Hans-Thies Lehman é professor e crítico de teatro alemão.

\*\*Dramaturgo e diretor teatral espanhol.

Considerado um dos dramaturgos mais líricos da dramaturgia contemporânea, Newton Moreno hibridiza a fórmula teatral, dando-lhes renovada vivacidade, compondo uma malha de costuras sofisticada, engendrando “um deformamento que corrompa sua forma original”. Eroticamente, coloca-se em jogo o desejo da transitividade, do devir criativo. Esse desejo repousa no cerne de *Agreste*. A transitividade, o gênero móvel. É uma dramaturgia desejan-te, ambígua, incorreta, impensável, imprevisível “tinha alguma coisa no amor deles que não devia acontecer. Mas aconteceu” (MORENO, 2004, p. 97).

A potência poética de *Agreste* é assim descrita por Antônio Rogério Toscano\*\*\*

*Agreste* assustava os sentidos com sua poética e com sua capacidade de alimentar imagens deslocadas (Barthes, 1978) – verdadeiras trapaças, invenções: um furo na cerca, que crescia conforme o compasso do amor; ou um sorriso desdentado perfeito, ‘de uma fileira só’; ou ainda uma corrida incansável, sertão adentro, como a contrariar a busca do mar glauberiano de *Deus e o diabo na terra do sol* (2004, p. 107). \*\*\*\*

Em todos os textos sobre *Agreste* lidos, uma palavra recorrente para caracterizar a escrita desta peça é erotismo, desejo. Acreditamos que se deva primeiro à experimentação que a estrutura oferece, uma hibridização, invenção criativa. Octavio Paz, no livro *A dupla chama: amor e erotismo*, assim conceitua o erotismo: “é invenção, variação incessante” (PAZ, 1994, p. 16). Ora, está claro que *Agreste* sofre uma tensão interna em que forma e conteúdo explodem desejando uma transitividade que não encarcera o texto sob nenhum gênero específico, que como afirma Toscano:

\*\*\*Dramaturgo e pesquisador, mestre pelo Instituto de Artes da Unicamp.

\*\*\*\*Grifos do autor

Dona de textualidade, portanto, aberta, a peça deseja a resemantização elaborada pelo outro, que a complete. Escapa dos territórios mapeados e vai buscar o belo em um limite do palco, que é a fronteira entre a simples narrativa e a abstração cênica. (2004, 106).

Subversivo, o tema da peça gira em torno de uma modalização de amor que encontrou e ainda encontra sérias restrições no âmbito social, as relações homoafetivas. A construção da história das personagens que se apaixonam e fogem dá conta dessa proibição que sofre a sua manifestação amorosa, por se tratar de pessoas do mesmo sexo. Isto porque, segundo Octavio Paz, a Idade Moderna fez com que o erotismo deixasse de ser “religião ou profanação, e em ambos os casos rito, para se transformar em ideologia e opinião. Desde então o falo e a vulva se tornaram ergotistas e fiscalizam nossos costumes, nossas ideias e nossas leis” (1994, 25).

Apesar disso o amor do casal de Agreste supera estas arestas impostas socialmente, e, escapando das amarras sociais através do mito, desbravam o Nordeste para realizarem-se amorosamente.

Quando Newton Moreno fala de retorno às origens, ele faz esse movimento no sentido mítico, do contador de estórias, e sua estória de amor é uma reatualização mítica, pois que

Não há povo nem civilização que não possua poemas, canções, lendas ou contos nos quais a anedota ou o argumento – o mito, no sentido original da palavra – não seja o encontro de duas pessoas, sua mútua atração e os esforços e dificuldades que devem enfrentar para se unirem (1994, p. 34).

O amor é visto por Octavio Paz como transgressão, em que concorrem o destino e a liberdade, desafiando as regras estabelecidas,

rompendo as convenções.

O amor se apresenta, quase sempre, como uma ruptura ou violação da ordem social; é um desafio aos costumes e às instituições da comunidade. É uma paixão que, ao unir os amantes, os separa da sociedade. Uma república de apaixonados seria ingovernável; o ideal político de uma sociedade civilizada – nunca realizado – seria uma república de amigos (PAZ, 1994, 103-104)

É uma reflexão que exprime o teor da peça. Agreste é erotismo e amor. Essa dupla chama, representação de um desejo de transgressão, tanto de conteúdo, como de estrutura dramática. Desobediência criativa de formas e mundos, desejo de encontro com o transitório, com o inacabado.

Este encontro tímido, medroso, se inscreve nas primeiras linhas do texto dramaturgico. Poeticamente sutil, realoca significados em novas metáforas. Este texto que produzimos também se revela em texto-desejo de adentrar nas linhas e entrelinhas da obra de Moreno, escavando o seu terreno e colhendo novas possibilidades, devires. Mas este é tema para uma próxima realização.

[...] e... descobriram um furo na cerca! [...]  
 Incertos. Fingiram não vê-lo. Era um buraco enorme como o sertão. Fingiram por uma semana. Duas. Um mês. A dúvida. Mas o buraco crescia, como querendo se exhibir. Amostrado. A cada vez que voltavam, estava maior.  
 E eles de butuca no furo. Parecia um açude, tentando-os com sua água escura, escura, cor de enigma.  
 Se ele tocasse nela? Se ela aceitasse ele?  
 Às vez, é preciso muita coragem para dar um passo. (MORENO, 2004, p. 97-98).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEHMAN, Hans-Thies. Teatro pós-dramático. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.

MACHADO, Luís Cláudio. Agreste: o paradigma da forma híbrida. In: XII Congresso Internacional da AABRALIC, Centro, Centros – Ética, Estética. Curitiba: 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0939-1.pdf>>. Disponível em: 29/08/2013.

MORENO, Newton. Agreste (Malva-rosa). In: Sala Preta, Revista do Departamento de Arte cênicas da ECA-USP, Ano I, N.4, (p 97 – 104), ISSN 1519-5279, São Paulo: Galdalf Editora, 2004.

MORENO, Newton. Agreste: Uma nostalgia das origens. Algumas rápidas considerações sobre o processo criativo do texto Agreste. In: Sala Preta, Revista do Departamento de Arte cênicas da ECA-USP, Ano I, N.4, (p 93 – 96), ISSN 1519-5279, São Paulo: Galdalf Editora, 2004.

PAZ, Octavio. A dupla chama: amor e erotismo. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Sciliano, 1994.

TOSCANO, Antônio Rogério. Agreste: uma dramaturgia desejan- te. In: Sala Preta, Revista do Departamento de Arte cênicas da ECA-USP, Ano I, N.4, (p 105 – 113), ISSN 1519-5279, São Paulo: Galdalf Editora, 2004.

---

**PATRÍCIA BARBOSA DOS SANTOS** (PARAÍBA) – Contista e Ensaísta. É mes- tranda em Literatura e Interculturalidade da UEPB. É revisora da revista Sexus <http://sexusrevista.com/>. Recebeu menção honrosa no concurso de contos da Universidade FU- MEC – MG, em 2011. Assina muitos de seus textos com o alter ego ManelaMayona.



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)

7:10

*Por Bruno Ribeiro*

O traço de sangue costura sua bochecha. Caída, sem vida, bolsa da Prada largada como trapo velho. O corpo esguio de modelo profissional solto no chão de areia. Próximo dela, o carro detonado no tronco de uma árvore. Os olhos da moça lacrados, dormindo para sempre, como uma criatura não inventada por Deus, tamanha a pureza de sua morte. Essa foto que descrevo repousa em minha mão esquerda. Deixo-a no chão, subo as escadas do sótão, abro um pouco a porta e verifico se meus pais continuam entretidos no café da manhã. Tranco a porta e volto. Essa foto estava largada no meio do baú de achados do meu pai. Ele foi policial nos anos 80, um dos mais durões da redondeza, era conhecido como Cabeça de Tijolo. Reza a lenda que os bandidos sofriam pra conseguir grana pro dentista. No meio deste baú de achados, encontro armas velhas, uniforme mofado, fotos dos seus antigos amigos e, por incrível que pareça, essa foto. Porque papai guardaria a foto de uma vítima? Será que foi assassinato? Ou um acidente? Talvez papai fosse apaixonado por essa mulher, não sei. Fico com vontade de perguntar, mas papai não é um homem de palavras. O ouço na hora da reza no café da manhã, nos agradecimentos do almoço e na despedida do jantar. Papai tornou-se um aposentado infeliz. Só encontrou alegria nos tempos de Cabeça de Tijolo, quando tinha fama na cidade e botava terror nos bandidos. Hoje, carrega filho vagabundo, mulher doente e vegetal, que não fala, não anda e quase não respira. Papai precisa viver em um vazio desolador causado por este bairro de velhos, crianças mimadas e perfeição – ele não encontrou espaço para se adaptar.

Voltando para a foto na minha mão esquerda. Que bela mulher.

O que papai sentiu quando viu essa foto pela primeira vez?

O decote dela é grande. Aberto. Arreganhado. Tem como espiar um pouco do mamilo direito. A saia curta, meio transparente. Pele branca. Lábios vermelhos mesclados com o rubro do sangue que escorre deles. Os peitos são medianos, mas duros. O carro detonado e a fumaça imortalizada pelo flash fotográfico. Minha mão direita escorrega até o interior da cueca. Vou mexendo devagar. O que papai pensou? A mão abaixa a cueca; a pele dela é muito branca, sinto cheiro de leite, de limpeza áurea, de anjos. A mão da moça está em primeiro plano, quase me tocando, sinto os dedos com pingos de sangue relar no meu nariz, descer até a boca e ali encontrar moradia. Aperto meu pau com força, vigor, o que papai pensou? Faço um vai e vem furioso, meus dentes cerrados, cabeça quente, e o ritmo da punheta crescendo. A sobrancelha bem feita. Não entendo disso, mas ta bem feita. Sei que está. Tudo nela é ideal. Uma mulher assim não pode morrer. Uma mulher com pernas tão longas, com peitos tão compatíveis com minha boca, mulher com cheiro de perigo e sensualidade, pois ela exala sexo. Mesmo morta, seu corpo explode um tesão impossível de conter – tenho que gozar nela – foi a única coisa que pensei. E vou batendo, batendo, batendo, e porra, como ela é gostosa, tão morta, e a boceta, como será? Imagino que peluda, mulheres dessa época não se depilavam muito; meu pau está duro, tão duro, que quase não consigo respirar. Ela é minha escrava, não se mexe, está morta e em minhas mãos: eu mando nela, mando neste corpo largado na areia, mando em seus ossos e músculos, mando nessa boceta que imagino com tanta convicção. E gozo um jato grosso, como tiro de espingarda, que vai bem na cara da moça servil. Respiro fundo, ofegante, cansado. O

que papai pensou? Limpo a foto gozada com uma toalha velha que encontro e a jogo no baú novamente.

Que mulher incrível. Que história incrível deve haver por trás dela.

Limpo as mãos nas calças e subo.

Mamãe com os olhos arreganhados. Papai mastigando e lendo o jornal. Sento do seu lado, ele finge que não existo. Pego o garfo e como um pedaço do omelete. Como devagar. Papai repara que minha respiração está alterada, percebo pelo olhar discreto que ele joga em mim. Estou ansioso. A curiosidade é tão grande quanto à excitação de alguns minutos atrás.

“Pai,” falo sem pensar, “tenho que perguntar uma coisa.”

Ele demora a responder. Dobra o jornal, toma um gole do café, alisa o bigode e diz “pode perguntar.”

“Eu... Meio que estava vendo algumas coisas do porão. Vi aquele baú seu... Dos tempos de policial...”

“Fala logo.” Toma mais um gole do café.

“Vi uma foto que me deixou curioso. De uma mulher morta. Desculpa, olha pai, desculpa, não queria mexer, mas...”

“Sua mãe.”

“Como?”

“É sua mãe. Tá surdo?”

“Mas...” Aponto para mamãe, que agora está babando, olhos catatônicos, sobancelha mal feita.

“Você tinha três anos. Depois do acidente, sai da policia.”

“Eu...”

Fiquei sem fala. Ele se levantou, arrastou a mamãe na cadeira de rodas em direção ao quarto.

Ele ordenou que eu lavasse a louça depois de comer.

“Nunca imaginei, pai.” Respondi.

“Poucos imaginam. Matou sua curiosidade?”

“Ela era linda.” Volto a dizer, tentando não pensar no meu pecado de alguns minutos atrás.

“Amor e beleza não combinam. Quando um tem amor e o outro tem beleza, o jogo é covarde.”

“Como assim?”

“Sua mãe era modelo, eu policial. Nossa relação não tinha equilíbrio.”

“E... Hoje tem?”

“Hoje sua mãe me ama, antes não.” Ele responde, empurrando vagarosamente a mamãe.

Minhas mãos tremem. Volto a olhar para meu pai trôpego. Ele entrando no quarto de porta amarela, com toda a paciência do mundo, arrastando mamãe, que agora está rindo como um bebe recém nascido. Antes de fechar a porta, ele me encara. Imagino que este era seu rosto de policial. Assim que a porta é fechada, eu finalmente descubro o que ele sentiu quando olhou a foto pela primeira vez – o mesmo que eu senti.

## UM CRONOGRAMA DE UMA FAXINA

*Por Valdenio Freitas*

09:00 – Acordar, fazer café, preparar sabão, vassouras, panos, desinfetantes e luvas. Rasgar camisas velhas e usar também como pano de chão.

10:00 – Limpando os quartos, tirar poeira das janelas, varrer, colocar produtos para deixar o chão brilhante.

11:30 – A faxina está adiantada. Já avançou nos 2 quartos do apartamento, tirou a poeira dos quadros de Charles Chaplin, retirou as manchas na moldura do quadro de Jesus – que mexe os olhos caso você mude de lado ao observá-lo. Os CDs que ficam empilhados devem ser limpos um por um.

13:30 – Saída para almoço. Como não fez o almoço em casa ficou mais fácil para limpar a cozinha. Deslizar as esponjas e terminar de lavar umas canecas e pratos que sobraram do jantar de ontem.

14:30 – Com a limpeza do banheiro pode-se dizer que a faxina está bastante adiantada no cronograma. Produtos para colocar no pano de chão, sprays de fragrância forte, naftalinas, usar água do chuveiro para encher o balde, molhar o pano. Passar o rodo. Usar luvas para limpar o vaso sanitário. O principal é esconder o cheiro que as pessoas produzem quando vão ao banheiro.

15:30 – Falta apenas 1 quarto. Nem toda faxina que se faz na casa tem o objetivo limpar esse quarto. É o quarto das tralhas, dos restos, das nuvens de poeira e seus fiéis guardiães: os cupins e baratas. As visitas da casa não vão pra esse quarto

15:40 – Começa retirando os livros de uma velha prateleira. Livros de primeiros socorros antigos. Parecem ter sido feitos entre a década de 1960 e 1970. No meio do livro há fotos de pessoas desmaiadas, picadas por cobras, insetos, com queimaduras e fraturas. Fica a pergunta: como será que estão essas pessoas hoje? Como elas se sentem por seus ferimentos serem considerados exemplares? Elas estão mortas ou vivas? No fim do livro tem um aviso para cuidados em caso de uma bomba atômica estourar. O livro dá poucas esperanças. Apenas sugere que, caso você sobreviva, deve usar roupas brancas pra evitar a radiação.

15:45 – Achou uma caixa com uma coleção de livros chamada de “Manual de convivência familiar”. Os livros tinham pequenas aranhas amassadas entre uma das páginas que falavam como deve ser uma “boa esposa, um bom filho, um bom marido”. Pensou se era melhor jogar fora aqueles livros ou se era melhor manter em casa empoeirando e sendo comido por traças. “Melhor essas ideias antigas mofando aqui em casa do que perambulando por aí” pensou. Mas ainda dava pra salvar um dos livros com receitas de tortas e bolos: independente dos valores familiares de quem fosse manipular o açúcar, leite e ovos e colocar no forno para assar,

15:50 – Achou suas antigas agendas. Pequenas anotações feitas em 2003, 1998, 2006, 2004 mostravam seus compromissos e tarefas para resolver naqueles dias que agora pareciam muito distantes. O “dever de casa” de matemática da quarta série no qual quase não conseguia fazer. Chorou muito por não saber fazer uma soma junto com uma duas divisões e uma multiplicação. Na agenda de 2004 tinha as assinaturas coloridas de algumas amigas. Em outras páginas das agendas anotou um número e não colocou o nome. Não se sabe mais pra que e nem pra quem era aquele número. Em 2011, folheou 10

dias da agenda do mês de setembro e viu que estava com um prazo pra cumprir. Anotava para não esquecer todo dia o nome do trabalho da universidade e no fim do mês, não conseguiu terminar a tempo. Ou melhor, terminou, mas ficou faltando algumas partes. Mas tudo correu bem.

16:00 – Achou em uma caixa de sapatos uma pilha de papéis. Um, que era mais largo, era o cardiograma de uma tia que faleceu há dois anos. 14 de outubro de 1999, quatro da tarde, dizia nos registros do exame. As curvas dos batimentos cardíacos subiam e desciam. O que se passava naquele coração para fazer com que fossem desenhadas as oscilações no papel quadriculado?

16:10 – Mas afinal de contas era uma caixa de sapatos ou um mausoléu coletivo? Embaixo do papelão havia algumas fotos de obituários. Interessante como são editadas as fotografias comuns das pessoas depois que elas morrem. Naquela foto de um amigo em frente a uma cachoeira, recortaram o rosto dele, colocaram em um papel de parede de nuvens e pôr-do-sol e por fim, colocaram a data e horário da missa de sétimo dia. Quando você morrer vão editar aquela sua foto na praia, vão esticar ou diminuir o seu sorriso e enquadrá-lo em um fundo de nuvens. Nada escapa a esse destino.

16:10 - Contas de luz, extratos bancários apagados, cupons fiscais. 04 de outubro de 2006, tinha aberto a primeira conta bancária fazia menos de 1 mês e às 18h foi a um shopping conferir se tinha dinheiro. Tinha pouco, mas até que deu pra ir ao cinema e assistir um filme. Não dá pra ver que filme era, pois o ticket estava apagado. Já o extrato da conta bancária no dia 19 de maio de 2010 trazia um cenário financeiro mais esperançoso do que em 2006. Mas haviatinha outros gastos e preocupações. Comprou um DVD de uma banda pra presentear uma amiga nesse dia. Lembrou que estava em dúvida se o

que sentia por ela era amizade ou algo diferente. Resolveu permanecer como amigos. Mas o valor baixo da conta de luz de julho de 2010 provava que algo diferente aconteceu na relação entre ele e sua amiga. Os dois viajaram todo aquele mês juntos e ele não teve tempo de produzir kilowhats em casa e nem de juntar tristezas naquele mês.

16:15 – Achou as caixas com presentes e cartas de namoradas, ex-namoradas, ficantes e outras espécies que habitam a fauna e flora dos corações, nervos e lembranças. Viu uns pacotes vazios de camisinha espalhados e achou difícil lembrar de como e quando tinha feito toda aquela diversão. Escavou e leu as cartas. Não se sabe ainda se e nem quando o amor um dia acaba ou começa. Mas jamais se duvidará de sua capacidade de dar e retirar sentido das coisas mais banais. Um saboroso lixo que serve para traçar trincheiras onde guerreiam colagens de revistas, trechos de músicas que se adaptavam ao casal, pedras achadas na rua, ursinhos, colares, ingressos de shows, origamis, papéis de hambúrguer de uma rede de fastfood, tampas de garrafa, rolas de vinho e botões de camisa. Muitos momentos.

16:30 – As baratas, traças e cupins que estavam esquecidos saem de uns buracos entre as paredes e os livros. Não se sabe se pelo cheiro de mofo ou pelo peso das lembranças a faxina foi suspensa por tempo indeterminado.

\*\*\*

É no retalho, na aposta, a incompletude, os “quases”, na oscilação e nas probabilidades que a vida é costurada. Infelizmente viajar no tempo não é como nos filmes de ficção. Nós não pegamos um carro e escolhemos a data, nem temos como amigo um cientista excêntrico e dedicado a construir uma máquina com todas aquelas

luzes e barulhos para ir ao passado ou ao futuro. Jamais um cavaleiro medieval irá aparecer na porta de nossa casa. Também é pouco provável que um andróide venha do futuro para nos salvar ou para iniciar uma guerra que irá dizimar mais da metade da humanidade. Basta uma lembrança e o efeito silencioso de algo escrito numa agenda, uma foto ou um bilhete de 8, 10 anos atrás para nos destruir ou vir a nos salvar de nós mesmos.

## O HOMEM DO CONCERTO JÁ CHEGOU?

*Por Paula Mandel*

Quebrado. Enguiçado. Estragado e travado. Ontem ele sequer me cumprimentou e hoje nem se despediu. Tomou café da manhã e partiu ligeiro com cara de compromisso. Dói. Do dedo ao duodeno. Só. Me sinto pó. Corpo sem toque, mas repulsa. Palavras sem retorno, mas revide. O monólogo é um diálogo mutilado. Um pas de deux solado. Sombra sem figura. Prefiro ciúme ao descaso. Abandono dá sono. Relação autolimpante. Contrário do carbono. O dia passou décadas. Cinco da tarde, já. Cinco da tarde de tantas tardes, iguais, insossas. Quebradas, enguiçadas. Estragadas e travadas. Nesta sala de espera, esperamos. Um último recurso. Sem esforço não há recompensa. Para o corpo tem remédio e para o amor, tem o que? Um divã para dois corpos. Não sei se cabemos os dois, as frustrações, os ditos e os não ditos neste divã salva vidas. Fora dele, os tubarões do fracasso devorando ilusões. Atrasado. Sempre atrasado. O dono do divã das cinco da tarde. Neste sofá cor de catarse ele e eu. No meio, acusações, culpas e constrangimentos. Ele e eu. Quebrados, enguiçados. Estragados e travados. Sala de esperas inúteis. Cinco e trinta. E o dono do divã, homem do concerto, já chegou?

**PAULA MANDEL** (SÃO PAULO) – Escritora. É advogada com especialização em Direito Penal Econômico. Seu texto “A lente desajeitada” foi classificado em terceiro lugar no Desafio de Novembro do Jornal Literário Olaria das Letras na modalidade miniconto. É autora do livro “Mãe de UTI – Relato de um Parto Prematuro”, ed. Giostri, 2013 (distribuição em breve às livrarias).

**Blecaute**  
Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
 @revistablecaute

Por Will Simões

# MEKATRONIA – O HOMEM QUE VIVE DENTRO DA CAIXA



**WILL SIMÕES** (PARAÍBA) – Artista visual autodidata, pós-graduado em Política e Gestão Pública com ênfase em Democracia e Sociedade (UFCG), na área de quadrinhos e cartuns tem trabalhos premiados e selecionados em eventos nacional e internacional.



## VALTER HUGO MÃE: A ESCRITA COMO DEVIR

*Por Rafaella Cristina Alves Teotônio*

*Ninguém pode pois escrever sem tomar apaixonadamente partido (qualquer que seja o distanciamento aparente da mensagem) sobre tudo o que vai bem ou vai mal no mundo.*

*Roland Barthes*

A frase de Barthes parece corresponder ao objetivo da escrita de Valter Hugo Mãe. O escritor português que recentemente veio ao Brasil para participar da Fliporto e lançar o seu mais novo livro, ainda sem edição brasileira, *A desumanização*, constrói uma literatura capaz de proporcionar ao leitor o reconhecimento em personagens que procuram o sentido em um mundo onde a dificuldade de sobrevivência, pela condição econômica desigual, ocupa cruelmente a existência. O cotidiano de trabalhadores, imigrantes, mulheres, idosos, homossexuais e outros sujeitos excluídos que sofrem com o preconceito, a solidão e a falta de afeto e de oportunidades é retratado nos romances do autor que recebeu elogios de José Saramago, concebendo seu romance *O remorso de Baltazar Serapião* como “uma revolução” e um “tsunami literário”.

A escrita de Valter Hugo Mãe toma partido sobre o mundo, procura no outro a literatura, tenta exprimir a condição do outro para encontrar em si mesma uma literatura capaz de ir além da escrita. Uma literatura que assume o devir. Devir que para Gilles Deleuze

(1997, p.11), em seu ensaio *A literatura e a vida*, se refere ao ato de escrever: “a escrita é inseparável do devir: ao escrever estamos num devir-mulher, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível”. Em outros termos, é o vir-a-ser da escrita, ato que o escritor exercita ao se colocar como outro na composição de sua obra. Tornar-se outro, representar um outro que não a si próprio, ou como Barthes (2007, p.24) também observa: “é para encontrar os outros que o Eu do romancista vem abrigar-se sob Ele”.

Todas estas definições podem tornar coerente a literatura de Valter Hugo Mãe. Nascido em Angola em 1971, indo morar criança em Portugal, vivendo hoje em Vila do Conde, Mãe tem seis romances publicados, dentre eles *O nosso reino*, *O remorso de Baltazar Serapião*, *A máquina de fazer espanhóis*, *O filho de mil homens*, *O apocalipse dos trabalhadores* e o recente *A desumanização*, além de vários livros de poemas e histórias infantis. O autor começa a carreira ganhando o prêmio literário José Saramago em 2007 pelo seu segundo romance *O remorso de Baltazar Serapião* e em 2012 o prêmio Portugal Telecom de melhor romance com *A máquina de fazer espanhóis*. Dono de um estilo singular renuncia seu prestígio surgindo com o nome em grafia minúscula, além do sobrenome literário Mãe, adotado com a ideia de se referir à força materna. Atualmente, Mãe desiste da escrita do nome em minúsculas, tendo adotado as maiúsculas por achar agora merecedor, assim como a escrita dos livros em minúsculas que propunham uma tentativa de colocar na mesma posição de valor a voz do narrador e a dos personagens, confundindo, muitas vezes, as vozes em suas narrativas, dando um tom de oralidade à sua escrita. Tal estratégia, findada no romance *O apocalipse dos trabalhadores*, dava ao autor um estigma, negado por ele na publicação do seu novo romance. Esta versatilidade de estilos, experimentados

em cada obra, faz com que Mãe conquiste público e crítica, sendo considerado um dos melhores autores portugueses contemporâneos. As narrativas de Valter Hugo Mãe permitem, a partir da construção ficcional das subjetividades minoritárias, representar o Portugal contemporâneo, numa espécie de crítica e reflexão acerca dos valores e memórias do país. Em uma entrevista ao programa português de televisão Câmara Clara, ao ser perguntado pela preferência pela caracterização de sujeitos excluídos em seus romances, o autor responde: “são estas pessoas que me fascinam... são estas pessoas que precisam de existência”. A resposta de Mãe faz diálogo com a função do escritor defendida por Deleuze (1997, p.13) que, concebendo o ato de escrever como um ato de devir, afirma que o escritor deve procurar uma zona de vizinhança, que seria buscar representar o que está ao redor dele, porém, distante do seu próprio umbigo: “As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu (o “neutro” de Blanchot)”.

O pensamento de Deleuze não aponta para uma abolição das narrativas em primeira pessoa, mas ao entendimento da importância da literatura como representação da vida e do papel social do escritor. Pensando na tendência contemporânea da literatura para a autoficção, principalmente na literatura brasileira, que finalmente aderiu a moda surgida na França e se expressa em livros de autores como Ricardo Lísias, Michel Laub e Marcelo Mirisola, Mãe parece flertar com o outro lado da moeda, numa tentativa de retornar ao Realismo, como um Marcelino Freire ou um Lobo Antunes ao dar preferência aos marginais, às vezes até a um realismo mágico, sem contanto imprimir em sua escrita um retratismo, ou sequer um mundo mágico a parte do nosso, mas se empenhando em descrever a nudez da con-

dição humana sem perder a doçura que emerge por trás do grotesco, característica presente em todos os seus romances.

### Cotidianos apocalípticos

No primeiro parágrafo de *O apocalipse dos trabalhadores* (2013), terceiro romance de Valter Hugo Mãe, a personagem Maria da Graça, na entrada de um além burocrático congestionado de vendedores desouvenirs da vida na terra, mantém a esperança de, com a ajuda de São Pedro, poder conseguir enfim comprar o Réquiem de Mozart, a reprodução dos afrescos de Goya ou a edição francesa das *Raparigas em flor*. Referências eruditas passadas pelo seu admirável e execrável patrão, o senhor Ferreira. O sonho de Maria da Graça remete ao seu sentimento de inferioridade e da impossibilidade de se igualar ao patrão que lhe oferece um amor utilitário. A relação de custo e benefício entre a empregada doméstica Maria da Graça e o senhor Ferreira abre a narrativa que descreve a condição de exploração no cotidiano das domésticas (mulheres-a-dias como se fala em Portugal) Maria da Graça e Quitéria e do imigrante ucraniano Andriy.

Em *O apocalipse dos trabalhadores* as relações entre os personagens enfatizam a condição esmagadora da realidade em que vivem. Os personagens, sujeitos marginalizados, passam por cima dos sentimentos, pois não podem ter tempo de senti-los. Sentem-se então como inócuos de subjetividade, mecânicos, comprimidos pelo trabalho que absorve o tempo que lhes restaria para sentir: sentir ser amado, amar, seduzir, sentir ser seduzido, sentir amizade, saudade, sentir ser possível qualquer tipo de sentimento ou realidade distante da qual estão acostumados, que lhe transformam em máquinas de ser,

“não me interessa o amor, isso é coisa de gente desocupada que não tem o que fazer” diz a personagem Maria da Graça na impossibilidade de senti-lo.

A opressão dos sentimentos leva os personagens da narrativa de Valter Hugo Mãe a buscar o apocalipse, a hora, o dia, o momento final em que possam enfim resistir à condição esmagadora da realidade miserável do Portugal contemporâneo. A hora da estrela, como no romance de Clarice Lispector, a hora da estrela que, como no romance de mesmo nome, só é encontrada com a morte. Nessa busca, as relações entre os personagens transformam seus sentimentos em pulsões mecânicas dos quais são como peças na engrenagem da vida. Tanto que o céu com o qual Maria da Graça sonha é um céu próximo ao cotidiano da terra, em que para se encontrar com São Pedro é preciso ultrapassar filas, vendedores que são como camelôs, charlatões e a burocracia do qual o guardador da chave do além é o maior representante. Deus também está na trama como peça, comparado às domésticas, é tão fundamental e desprezado quanto elas.

Os sonhos de Maria de Graça que perpassam o romance *O apocalipse dos trabalhadores* são como o anúncio freudiano da sua morte eminente, a morte que trará a sua libertação, pois nas conversas com São Pedro, Maria da Graça busca provar que o amor que sentia pelo patrão, o senhor Ferreira, era um amor verdadeiro. Era a maneira de provar para si mesma que não vivia um cotidiano de exploração na terra.

O cotidiano é, portanto, o motivo para a literatura de Valter Hugo Mãe. Em suas narrativas este cotidiano é sinônimo de poesia, mesmo que descritos numa linguagem suja ou crua como em *O remorso de Baltazar Serapião*, que possui uma linguagem medieval, remetendo ao passado, para enfatizar com a linguagem a involução

dos valores de um Portugal ainda patriarcal e camponês. Estilo que também se observa em *O nosso reino*, ambos os romances passados em espaços rurais, patriarcais e de valores medievais. Valores que são descritos na relação dos personagens masculinos com os femininos, como em *O remorso de Baltazar Serapião* em que o narrador se apropria de um discurso machista para mostrar a violência exercida contra a mulher. No romance, a vaca Sarga é como uma mulher: sagrada e descartável. A ironia da narrativa se percebe com a adoração da vaca Sarga e a violência que reparte em dois o corpo da personagem Emersina. O tom grotesco da obra tenta contribuir para chocar o leitor, a partir do discurso machista do narrador e das cenas de violência. Os personagens tornam-se bichos, com a sexualidade reduzida a necessidade física e com as relações afetivas beirando a violência. mal tolerados por quantos disputavam habitação naqueles ermos, batíamos os cascos em grandes trabalhos e estávamos preparados, sem saber, para desgraças absolutas ao tamanho de bichos desumanos, tamanho de gado, aparentados de nossa vaca, reunidos em família como pecadores de uma praga. maleita nossa, nós, reunidos em família, haveríamos de nos destituir lentamente de toda a pouca normalidade. (cf., O.R.B.S., 2010, p.11).

A condição da existência dos personagens nas obras de Mãe transforma-os em seres animais ou mecânicos. Nas obras é possível perceber a associação dos sentimentos, relações e identidades dos personagens a instintos animais ou engrenagens maquinais, Mãe tenta com isso descrever uma realidade grotesca e nua que pode assustar o leitor ao perceber a sua semelhança com a vida fora do livro.

(...) o andriy sorriu. e os pais, estranhamente, emudeceram para sempre, ficando o filho sozinho no país das flores, forçando o coração a ganhar foles, deitar fumo, substituir o

sangue por óleo, verter para outros órgãos como dentro de um motor, tendo radiador, ventoinhas, estruturas inoxidáveis no caminho do esqueleto, propulsores, tubos comunicantes, roldanas, anilhas e parafusos, mecanismos dentados como a ferrarem-se impiedosamente uns nos outros e para sempre, visores perfeitos para o futuro coberto de ouro, já muito mais fácil de existir. (cf. O.A.T., 2013, p.83-84).

A marginalidade da literatura de Valter Hugo Mãe se expressa na necessidade de dar voz destes sujeitos marginalizados, como em *O filho de mil homens*, narrativa que conta histórias de personagens solitários e rejeitados pela sociedade. O pescador Crisóstomo que adota Camilo, menino órfão, e se casa com Isaura, a mulher deflorada antes do casamento. Isaura traz para junto deles Antonino, o maricasrejeitado pela mãe, juntos formam uma família diferente. Já em *A máquina de fazer espanhóis*, os personagens do asilo Idade feliz dialogam com a decadência dos valores portugueses e as consequências da ditadura em Portugal.

Gilles Deleuze (1997, p. 16) afirma que o escritor deve “escrever por esse povo que falta” e explica que “por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”. Maurice Blanchot (2011) denominava a literatura como a experiência do fora. Concebia o espaço literário como um imaginário, o escritor não escreve sobre o mundo, ele cria um próprio mundo e convida o leitor a participar dele. Esse mundo não é o mundo que se conhece, mas o “outro de todos os mundos”. Assim, a literatura estaria numa espécie de limbo, à margem do mundo, porém não tão distante dele, “a literatura é o próprio entrelugar” diz Antoine Compagnon (2010, p.135). Dominique Maingueneau, (2006, p.44), inspirado na concepção de campo literário de Pierre Bourdieu (1996), afirma que as obras literárias não falam somente do mundo,

mas “sua enunciação é parte integrante do mundo que se julga que elas representem”. Sendo assim, a literatura estabelece uma comunicação de mão dupla com o mundo.

Esta relação com o mundo faz da literatura uma forma de representação que traz em si imbricamentos sociais, históricos e culturais. A obra literária, na concepção de Deleuze (2002), contém um agenciamento, que pode ser um agenciamento coletivo da enunciação, quando as obras contém em sua estrutura narrativa um apontamento para o mundo exterior, numa tentativa de “revolucioná-lo”, e revolução, neste sentido, refere-se a uma tentativa de provocar o mundo a partir da literatura. Mas esta provocação está em fazer da escrita literária um devir, vir a ser o outro, no caso, aquele que não é dominante, o excluído, o marginalizado, “o povo que falta”, pensar o coletivo a partir do ato solitário da escrita. Valter Hugo Mãe toma partido sobre o mundo, escreve por este “povo que falta”, em intenção deste povo e não em lugar deste. É neste sentido que sua literatura se destaca, na tentativa de tomar apaixonadamente partido sobre o mundo daqueles que como o próprio autor disse, precisam de existência.

## Bibliografia

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso*

comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Tradução de Peter PálPelbert. São Paulo: Ed. 34, 1997.

MÃE, Valter Hugo. O nosso reino. São Paulo: Ed. 34, 2012.

\_\_\_\_\_. O remorso de Baltazar Serapião. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. O apocalipse dos trabalhadores. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

\_\_\_\_\_. A máquina de fazer espanhóis. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_. O filho de mil homens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. São Paulo: Contexto, 2006.

*De Johniere Ribeiro*

despedida

meu silêncio, mangue diurno...  
braços longos ao vento, Deus os fez,  
sei agora, foi empalhado para o a/deus..

ode para partida

pés juntos, anexados aos sapatos polidos  
é o teu sorriso emoldurado  
na face da saudade

beijo de gás

aquele beijo distante  
quieto calmo feito pintura anexada no ar...  
inda escondo no pulmão da memória. ( 2012)

prédio versus jardineira

no  
peito  
da  
noite  
me  
encostei  
mas estou sem apoio  
desde que na jardineira de minha janela  
pousou aquele prédio  
solidão estancou-me

prato de engordar sombras  
a Bruno Gaudêncio

trago o prato  
ofício singelo  
de engordar sombras  
talvez este ato  
seja o fosco  
entre a prosa e poesia

mas modesto sou  
apenas cantor  
de uma dor harmônica que tombas  
ao céu do riso  
da hipocrisia

tão pobre amor  
é o meu  
celular na mão do muambeiro  
na palma do camelô  
da Marciel Pinheiro  
o semáforo de Campina  
esverdeia meu coração  
quede falace outras sombras  
que neste  
SPA sanguíneo

Sobrepôs minh'alma  
no varal  
do quintal  
a um passo apenas de meu vilarejo

que coração é este?  
que solta nas sombras  
do luar  
feras escondidas no caracol dos cabelos  
de minha amada  
e me faz ferir o beijo  
tal qual animal fosse

no escuro atrás da porta  
corpos alardes carnes  
se confundem  
... ervas de cheiro ....

entre Remédios e Diadorim  
a Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Márques

teu jeito –  
Sertões vazios –  
que me memoriza e esquece  
esquece e me memoriza

todos nós temos neblinas  
a minha  
é tua boca de duvidação  
pulso de rio que é mais balde  
do que  
rio  
turvando a visão  
fechando olhar  
diate do fixo associar  
o dia – do- rim  
e  
sempre irrompem  
nas  
falas mutantes  
do que realmente

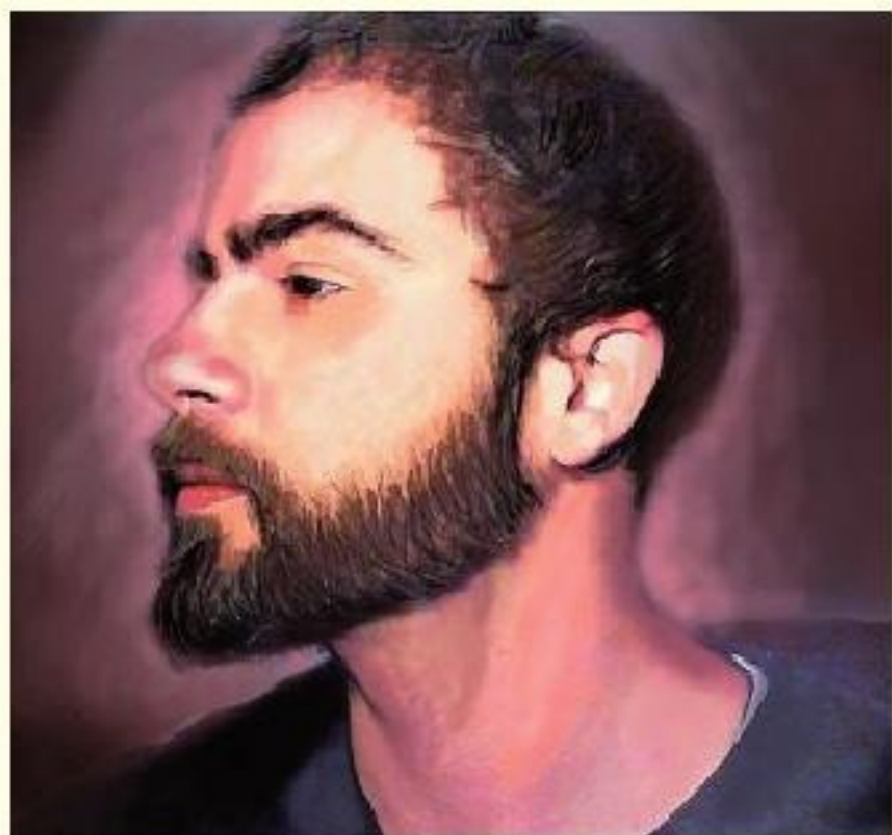
és  
em/para  
/mim  
remédios, a bela  
e  
diadorim  
segue  
Veredas e Rioache  
em anos de solidão...

---

**JOHNIERE ALVES RIBEIRO(PARAÍBA)** – Poeta. Formado em Letras pela UFCG. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Professor na área de Língua Portuguesa em graduações e pós-graduações (em Universidades Privadas). Ganhador do 1º concurso de Poesia e Conto do SESC -Centro ( primeiro lugar na categoria poesia) em Campina Grande no ano de 2000 e do 3º lugar no Concurso de poesia promovido pela POEBRAS – Secção Campina Grande, no ano de 2003.



## ARTISTA DA CAPA



**José Emidio de Medeiros Netto**, nasci em Patos-PB, mas vivi minha vida inteira em Campina Grande. Cursei Desenho Industrial na UFCG, um período na IUNA (Instituto universitário del artes) em Buenos Aires e mestrado em Criação Artística Contemporanea pela Universidade de Aveiro (Portugal).

Atualmente trabalho como professor de História da Arte e desenho na Universidade Nilton Lins, Manaus.

Não, eu não sou um Artista. Não sou um artista porque, na minha opinião, o que chamamos de “arte” é uma designação para tentar explicar algo que não conseguimos, assim como a ideia da existência de deuses foi fomentada na tentativa de explicar o ciclo das estações do ano por nossos ancestrais. Não, eu não sou artista, eu me comunico. Me comunico como também os pássaros e golfinhos o fazem, sem mistério, sem divindades, apenas o fazem porque está na sua natureza, seja espiritual ou por causa de alguma sequencia específica em seu DNA. Não, eu não sou artista, porque a arte ela não existe por si só senão por uma relação do que está querendo ser dito para alguém que está querendo (ou não) ouvir. Ora, posso dizer que sei me comunicar bem em certos idiomas e outros nem tanto, mas a minha relação com a língua não foi a de um inventor ou de alguém que deva

se gabar por saber falar uma língua como rege a sua gramática, eu apenas uso de suas composições e fonemas para dizer se estou feliz, triste, com fome ou atrasado. Não, eu não sou artista porque se há um rótulo disso ou daquilo, também estará incluso o que não é, o que não faz parte dessa categoria e pertence a outra. Uma ideia ridícula que demonstra o grande medo da desolação, de aceitar sua natureza em



não ser nada, que, na minha opinião, é a grande dádiva dos deuses e não traz nada menos que uma pequena fração do que achamos ser a paz.

E em relação ao trabalho que vos envio? Não há nada de excepcional nem nele nem no processo criativo que mereça falar, é como alguém que utiliza-se de um idioma para comunicar-se empregando palavras que já foram ditas por séculos e, muitas vezes, na mesma frase, encontramos palavras que se anulam, que são opostas ou que dançam suavemente

# !Blecaute

Revista de Literatura e Artes



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

## Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto Microsoft Office Word (2003 ou superior), Fonte Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamento 1.5, Tamanho de página normal e se enquadrar nas seguintes categorias:

**Poemas:** devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total;

**Conto:** poderá ser enviado apenas um conto, com até cinco páginas;

**Ensaio/Artigos:** poderá ser enviado um ensaio ou artigo acadêmico sobre temas ligados à literatura, cultura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas – sugerimos o máximo de dez páginas;

**Resenhas:** poderão ser enviadas duas resenhas, com até três páginas, acrescida da referência bibliográfica do livro (a ser utilizada como título) e uma imagem, em boa resolução, da capa do livro resenhado.

## Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.